

POR UMA VIDA CONSAGRADA FIEL

**DESAFIOS ANTROPOLÓGICOS
À FORMAÇÃO**

U	
S	G

67° CONVENTUS SEMESTRALIS
UNIONE SUPERIORI GENERALI

POR UMA VIDA CONSAGRADA FIEL

**DESAFIOS ANTROPOLÓGICOS
À FORMAÇÃO**

A FIDELIDADE VOCACIONAL

*Álvaro Rodríguez Echeverría, FSC
Presidente da USG*

A nossa 67ª Assembléia desenvolve a segunda parte da reflexão sobre a “Fidelidade Vocacional”, e é a continuação da Assembléia que tivemos em novembro de 2005. Com efeito, no final da precedente Assembléia percebemos que muitos dos participantes desejavam continuar este tema a partir de uma antropologia teológica que permitisse aprofundar as bases sobre as quais se sustenta a vida religiosa hoje, e ajudasse a conhecer melhor os jovens e a rever as nossas “Ratio” formativas para que pudessem responder melhor à realidade que vivemos hoje.

Na precedente Assembléia, nossas reflexões tocaram muitos pontos centrais que chamaram nossa atenção. Entre os temas tratados havia aqueles relativos às motivações do ingresso, às motivações para ser fiéis nas diferentes etapas da vida, o discernimento e o acompanhamento dos religiosos, a consistência e a unidade dos temas, a qualidade da vida espiritual, a cultura atual, o ambiente sócio-cultural e a formação inicial, os fatores que favorecem a vitalidade de um Instituto religioso. Mesmo não querendo ser exaustivos sobre os fatores que influem na fidelidade, é contudo importante aprofundar e discernir os mais relevantes.

Padre Bernardo Olivera, numa excelente apresentação aos Capítulos Gerais em outubro do ano passado, descrevia com muito cuidado a situação que hoje facilmente se repete em nossos próprios Institutos: *Dir-se-ia que a descoberta do amor humano transformou em irreal a busca monástica de Deus. Obviamente não se trata agora de julgar a vocação desses jovens; trata-se, antes, de interrogar-nos sobre a formação que lhes oferecemos. São estas algumas das perguntas pertinentes: Sobre que bases humanas se construiu o edifício espiritual? Que tipo de antropologia serviu de pressuposto ao processo formativo? Estamos convencidos de que a graça edifica sobre a natureza? Favorecemos dicotomias ainda que afirmemos o contrário? Por que as irmãs jovens não fazem experiências semelhantes? As mulheres são mais realistas, ao passo que nós homens somos mais carnavais? Reprimimos o que é instintivo em favor do que é racional? Valorizamos o espiritual em detrimento do corporal? Continuamos a alegorizar os textos bíblicos sobre o amor esvaziando-os da sua espessura humana? Nutrirmos o senso de pertença comunitária? Poderíamos continuar com perguntas semelhantes.*

Vivemos numa sociedade pluralista que promove o relativismo assiológico como critério para resolver as diversas situações sociais. O critério de liberdade atingiu até o âmbito do aspecto mais sagrado da humanidade: a vida, pois considera-se que ela pertence instrumentalmente a cada indivíduo, prescindindo de toda responsabilidade para com o Criador e para com os outros seres humanos. Por outro lado, para qualificar as manifestações mais variadas das culturas, usa-se o critério que “tudo é igualmente válido”, negando assim a necessidade de que elas sejam humanizadas e evangelizadas.

O que é provisório e temporário insere-se nas organizações, mesmo nas instituições milenares, como a família. A duração cada vez mais breve de um bom número de casamentos chama a nossa atenção. Sabemos que o fenômeno se repete no interior de nossas Congregações e não cessa de preocupar-nos o número dos pedidos de dispensa dos votos provenientes de jovens religiosos, pouco tempo depois de ter feito a profissão perpétua.

Vivemos num mundo que favorece o individualismo e o intimismo. Se de um lado, conforme vários autores, estamos passando do *homo faber* ao *homo ludens*, de Prometeu a Narciso, do homem econômico ao homem festivo, para o qual a coisa mais importante não é trabalhar mais consumir. Basta olhar certas psicologias modernas para descobrir que o centro deve ser o eu. Freud nos fala da satisfação dos desejos; Maslow, da auto-realização mediante a satisfação das necessidades primárias; Adler da afirmação do próprio múnus e da superioridade em relação aos outros.

Não há dúvida que um dos grandes méritos do mundo de hoje seja ter dado importância ao eu pessoal. Mas sabemos que se trata de um valor relativo, porque conforme o Evangelho “*quem procura a própria vida a perde e quem a perde a encontra*” (Mt 16, 25). O desafio permanente é sair de nós mesmos para concentrar-nos em Deus e no seu plano de salvação em favor da humanidade.

Por outro lado, parece que hoje temos mais dificuldade para compromissos duradouros, de longo alcance, nos quais a paciência, a estabilidade, a perseverança, a tensão e o esforço são necessários para garantir a qualidade da vida espiritual e a missão à qual fomos chamados. Influenciados pelo ambiente, facilmente podemos fazer nossos os valores que hoje a sociedade promove: o provisório (o temporário), o sensível (o coração acima da razão), o mutável (o novo e a moda se impõem).

Não devemos esconder o fato de que a Vida Consagrada representa um movimento contra-cultural e dinâmico que desafia os donos de uma sociedade ambivalente, cujos valores são mais facilmente assimilados pelos jovens, tanto os positivos como aqueles em contraste com o Evangelho. Também aqui se trata de um discernimento e de uma inculturação que nos permitem ser fiéis aos sinais dos tempos e dos lugares. Nossa atitude deve ser semelhante à dos pescadores da parábola que *lançam ao mar a rede que recolhe todo tipo de peixe; uma vez cheia, os pescadores levam-na para a praia, sentam-se, selecionam os bons nas cestas e jogam fora os maus* (Mt 13, 47-48). O apoio para vivermos com alegria e dignidade num mundo que deve ser evangelizado, mas ao qual devemos opor-nos em mais de uma ocasião, é a ascese. A luta pelos valores do Reino comporta um esforço pessoal e comunitário, que dá sentido à existência, afasta do narcisismo, evita a depressão e permite viver no meio dos conflitos.

Hoje devemos dar mais importância à situação em que vive o jovem diante da fragmentariedade e da dispersão, com o perigo do fascínio do imediato e do provisório, que leva a uma ética individualista e relativista, que limita a procura dos valores e orienta para uma busca insatisfeita do "estar juntos", sem uma direção clara nem um projeto definido. O ambiente incita à busca de valores de pouca monta e a uma felicidade de baixo custo. Ou seja, exatamente o contrário do que deveríamos oferecer na vida religiosa.

Se não somos capazes de centrar nossa vida religiosa no essencial, corremos o risco de construir sobre a areia. A nossa vida religiosa, entendida como uma natural tensão para Deus seja como chamado de Jesus Cristo a prosseguir sua vida, não pode ter fundamento mais sólido do que o de uma experiência pessoal. Trata-se de uma atração profunda, quase irresistível para Deus, de uma experiência espiritual, do fato que Deus é o Absoluto e que todo o nosso ser tem a sua referência última a Ele. É a experiência de amar e ser amado; é a certeza de que Deus é tudo. E se Deus é a razão última do nosso seguimento, podem vir dilúvios e tempestades, a nossa barca poderá parecer na iminência do naufrágio, mas poderemos ir adiante, não pela nossa força, mas porque nas nossas fraquezas Deus continua a ser a razão última da nossa vida e sabemos que Ele está ao nosso lado. A meta fundamental de todo processo de formação é facilitar esta experiência.

Os trabalhos de nossa 67ª Assembléia têm um duplo objetivo:

1. Através da conferência do Pe. Pascual Chavez Villanueva, Reitor-Mor dos Salesianos, procuramos aprofundar a realidade da pessoa através de considerações de ordem antropológica nas quais podem situar-se as nossas propostas formativas. O objetivo último é ajudar a reforçar a fidelidade dos chamados a uma vida consagrada, que não só é de índole espiritual, mas que se realiza plenamente também na dimensão humana.
2. O segundo momento de nossos trabalhos abre-se com a conferência do Pe. José Rodríguez Carballo, Ministro Geral dos Frades Menores, e continua com as contribuições de toda a assembléia através dos trabalhos de grupos. Queremos deter-nos de modo particular na formação permanente, porque cremos que é um ponto de partida necessário para oferecer a nossos jovens uma formação inicial eficaz. Só pessoas e comunidades plenamente amadurecidas e bem identificadas consigo mesmas, com a própria vocação e com o carisma do Instituto, podem tornar-se instrumentos eficazes de acompanhamento dos jovens religiosos.

Tenho certeza de que as reflexões desses dias e a leitura das páginas que recolherão o resultado de nossos trabalhos poderão ajudar a consolidar no interior de nossos Institutos o substrato humano e a experiência fundante que darão maior solidez ao nosso seguimento de Jesus, vivido numa fidelidade criativa e alegre.

A FIDELIDADE, FONTE DE VIDA PLENA

A Vida Consagrada: profecia antropológica na pós-modernidade

Pascual Chavez Villanueva, SDB
Reitor-Mor dos Salesianos

1. INTRODUÇÃO

A finalidade desta reflexão, mais que pretender dizer algo "novo", é estimular a reflexão comum. Por isso, procurarei manter-me o mais fiel possível ao título e ao significado do mesmo: oferecer uma moldura antropológica na qual possam situar-se propostas que ajudem a robustecer a fidelidade da vida consagrada daqueles que a ela são chamados: com particular atenção às gerações jovens.

Está fora de dúvida que a problemática *fundamental* toca a medula e o desenvolvimento da fé, partindo da experiência pessoal e comunitária do Deus de Jesus Cristo. Pressupondo isto, aqui devemos fazer uma "redução metodológica" de uma perspectiva específica: talvez possamos aproximar-nos o mais possível desta problemática, onde Natureza e Graça, sem confundir-se, encontram-se e interagem! Concretamente, o tema da *fidelidade* (não somente no sentido vocacional) de tal modo toca aspectos essenciais da pessoa, que necessariamente devemos renunciar a uma visão exaustiva, e devemos contentar-nos com situá-lo dentro desta moldura antropológica.

De um lado, esta problemática não é exclusiva da vida religiosa ou consagrada: basta pensar na situação dramática, e muitas vezes trágica, de tantos casamentos e famílias no mundo, mesmo de católicos! No campo da vida religiosa, atinge do mesmo modo Institutos de fundação recente, como Congregações mais antigas e até Ordens eremíticas e monásticas. Mais ainda: embora nos interesse sobretudo em relação às gerações jovens, não se refere somente a elas: a possibilidade de afastar-nos do seguimento radical de Jesus não desaparece até a morte. Como indica bem e perspicazmente D. Bonnhoeffer, a primeira palavra que o Senhor disse a Pedro é também a última: "*Segue-me!*"

Antes de abordar o *conteúdo* desta reflexão, convém explicitar formalmente a sua avaliação assiológica: trata-se de uma situação problemática, até mesmo perigosa, da qual é preciso defender-se, ou de um **καίρος** que, além de ser inevitável, torna-se um **desafio** fascinante para a nossa fidelidade criativa a Deus, à Igreja e à humanidade? Penso que estamos convencidos de que, não obstante toda a seriedade que a situação exige, trata-se antes desta segunda alternativa: é a consequência de crer que o Espírito Santo continua presente e atuante em nossa Igreja e no mundo; mas também porque neste, como em muitos outros aspectos, se faz presente a "lei do pêndulo": o nosso tempo sublinha dialeticamente elementos que, de forma explicável mas injusta, tinham sido descuidados em outras épocas. De nós depende, com a ajuda do mesmo Espírito, buscar o seu justo equilíbrio.

Falando simbolicamente: a cultura atual, sobretudo juvenil, deu uma volta total no caleidoscópio antropológico: contempla-se uma imagem totalmente nova, mas na qual podemos reconhecer os mesmos fatores estruturais que, na cultura precedente, refletiam a luz de um modo muito diferente, e por isto, também projetavam uma imagem diferente. Cremos, pois, que se trata, segundo a feliz expressão de G. K. Chesterton, de uma daquelas virtudes que se tornaram "loucas": esperamos que a doença não seja incurável!

Ainda no campo formal, achei mais conveniente escolher uma linha, entre outras, esperando que seja suficientemente relevante como para oferecer pistas de reflexão suficientes. A alternativa teria sido acenar a muitos elementos, necessariamente de modo superficial e impossível de aprofundar. Com outras palavras, recordando o provérbio: "quem tudo quer, tudo perde", optei pela atitude oposta: abranger pouco, para tentar privilegiar a profundidade.

2. A HISTORICIDADE, HORIZONTE E CAMINHO DE REALIZAÇÃO HUMANA

Não há dúvida que, entre muitos outros fatores que configuram a cultura atual, a "descoberta" da *historicidade humana* constitui um dos mais relevantes. Não se trata de algo "novo" que não existia antes, ou que não era percebido universalmente. Trata-se antes daquelas coordenadas da existência humana que, justamente porque são onipresentes, correm o perigo, paradoxalmente, de tornar-se inatingíveis. Bastaria tomar qualquer página da Sagrada Escritura para reconhecer que a Palavra de Deus não se compreende absolutamente sem o pressuposto da historicidade humana. Sem ela, nem a revelação de Deus, nem a liberdade humana, nem o pecado ou a conversão existiriam.

Esta "presença implícita" da historicidade humana na Revelação acentua, entre outros fatores, o valor do "*hoje*" defronte do passado, e até do futuro: o que conta não é, digamo-lo com uma imagem, o peso das ações boas ou más realizadas e colocadas numa balança, e sim a situação atual. Recordemos, entre muitos outros, o célebre texto de Ezequiel: "Se o malvado se afasta de todos os pecados que cometeu e observa todos os meus preceitos e age com justiça e retidão, ele viverá, não morrerá. Nenhuma das culpas cometidas será recordada, mas viverá pela justiça que praticou" (Ez. 18, 21-22). Igualmente, o salmo 95 (94), sugerido no início da oração litúrgica cotidiana: "Se ouvirdes *hoje* a voz do Senhor, não endureçais o vosso coração" (v. 7-8); ou, mais dramaticamente, as comoventes palavras de Jesus na cruz ao ladrão arrependido: "Em verdade te digo: *Hoje* estarás comigo no paraíso" (Lc 23, 43). Isto leva, sem dúvida, a uma avaliação mais *qualitativa* que "quantitativa" da existência humana, sem identificá-la, necessariamente, com a relação entre *atitudes* e atos no campo moral.

Por isso, falando de "descoberta", referimo-nos mais precisamente à sua *tematização explícita*, ligada à filosofia do século XX, (mesmo se as raízes já se encontram ao menos no século XIX), e, mais concretamente, ao existencialismo, constituindo uma das contribuições mais válidas e permanentes desta corrente filosófica e cultural.

Como o título deste parágrafo indica, "*horizonte e caminho*", não se quer indicar apenas que o ser humano vive na história (dentro do mundo e do universo inteiro, que, analogamente, podem chamar-se também, graças à mediação humana, "históricos"): isto é evidente; porém, mais intrinsecamente, pretende-se afirmar que o homem é um "ser histórico" justamente porque *se realiza*, ou *se destrói*, na história: tanto no nível pessoal, como comunitário, e até em escala mundial: principalmente numa época na qual as coordenadas geográficas cedem sempre mais a sua relevância às históricas, nesta "aldeia global" que está se tornando o nosso planeta.

Não se trata somente de uma importância quantitativa, um "mais"; porém, sobretudo de uma *relevância qualitativa*, já que a historicidade constitui um *paradigma*, erige-se no centro de uma *Gestalt* que inclui todos os elementos estruturais humanos de uma nova síntese (recordando a imagem do caleidoscópio).

Esta tematização da historicidade trouxe conseqüências em todos os campos da existência humana: basta recordar a revolução que provocou no conceito de *educação e formação*, entendida como "formação permanente", referida em primeiro lugar não à atualização específica ou eventual, como muitas vezes se entende, mas à convicção de que

estamos em formação a vida toda, e que, portanto, não podemos considerar ninguém já "formado." (Analogamente, no campo moral, não se concebe um "*homo viator*" definitivamente perdido, nem já "confirmado na graça").

Isto traz consigo uma mudança radical na maneira de expor a "formação inicial", e mesmo a etapa seguinte, inadequadamente chamada "formação permanente", como se fosse posterior à inicial. Embora levando em conta que a coisa mais importante não é mudar as palavras, e sim renovar seu conteúdo, convém ao menos mencionar o problema, que não é simples, da maneira de impostar esta "formação inicial" de modo que não seja, nem algo separado daquilo que virá depois, e menos ainda um antídoto contra, mas tampouco se limite a uma simples "primeira etapa" de um processo. No fundo, procura-se esclarecer o que significa dizer que "a formação (enquanto) permanente anima e orienta a formação inicial."

Neste horizonte de historicidade, integra-se plenamente uma daquelas "palavras-chave" que atualmente "têm direito de cidadania" até na vida consagrada: a busca da *realização pessoal*. Trata-se de um aspecto ineludível, mas também fonte de mal-entendidos e mesmo de frustrações.

A respeito disto, gostaria de mencionar um texto esclarecedor do Pe. Friedrich Wulf SJ, que fala da fenomenologia teológica da vida religiosa:

"Na base da vida religiosa que deseja ter um fundamento teológico e espiritual, encontra-se um ser tocado pelo Mistério Divino do mundo e da vida (...) Este impacto se apresenta sobretudo de três modos: como ser tocado por Deus, por Jesus Cristo ou pela situação funesta do mundo. Trata-se de tipos ideais que apenas ressaltam diversos centros de gravidade, mas não existem jamais em forma pura. São estreitamente vinculados pelo seu próprio conteúdo, isto é, pela revelação cristã. Um ser tocado por Deus que não incluísse a mediação decisiva e o múnus redentor de Jesus, como a responsabilidade pela salvação do mundo e dos outros seres humanos, seria tão pouco cristão como um ser preocupado pela situação funesta do mundo que não tivesse como centro o Deus da nossa salvação, revelado em Jesus. Quem escolhesse como finalidade da sua vida, na medida em que se pode escolher por si mesmo, uma mística e contemplação que excluísse o mundo, seria tão culpado de retalhar essencialmente a mensagem salvífica cristã, como aquele que concebesse a sua vocação apostólica somente como um serviço funcional. Não obstante isto, deve haver prioridades, acentuações, porque senão tudo continuaria a ser teoria e não se adequaria à peculiaridade de cada um, à especificidade e vocação pessoal"¹.

Tudo isto é plenamente válido e esclarecedor; mas não é verdade que, junto com esta tripla motivação essencial e inseparável da vida religiosa e consagrada – o absoluto de Deus, a seqüela/imitação de Jesus Cristo e a salvação do mundo – ressalta-se, ao menos de modo implícito, a preocupação pela *realização pessoal*? Pode resultar fácil ignorar, e até querer excluir este aspecto, como expressão de egoísmo individualista e de um "psicologismo" malsão: todavia, se lemos com atenção o Evangelho, jamais encontraremos uma recusa, por parte de Jesus, desta pretensão: o que o Senhor faz é *indicar o caminho autêntico* para esta realização. não é significativo que tenhamos esquecido demasiadas vezes que as *bem-aventuranças* não são normas morais ou religiosas, e sim *promessas de felicidade*?

Mais do que rejeitar ou anatematizar, é preciso discernir e esclarecer: somente é válida, na vida consagrada, quando se trata de uma *realização em Cristo*, unida indissolivelmente aos três aspectos acima mencionados. Evidentemente, aqui exerce uma função decisiva a justa

¹ F. WULF, *Fenomenología teológica de la Vida Religiosa*, en: *Mysterium Salutis IV/2*, Madrid, Ed. Cristiandad, 2ª Edición, 1984, p. 454.

compreensão e atuação do conceito de *idoneidade vocacional* que permite integrar ambas as dimensões, a objetiva e a subjetiva.

Um dos aspectos mais fascinantes na contemplação dos grandes santos e santas, é considerá-los como pessoas realizadas e felizes. Se somos chamados a ser, como diz *Vita Consecrata*, uma "terapia espiritual" para o mundo de hoje, e queremos salientar o "profundo significado antropológico" dos conselhos evangélicos, não podemos ignorar esta dimensão: não basta viver a castidade, a pobreza e a obediência de maneira radical e plena: é necessário que, mesmo no nível humano, sejam atitudes irradiantes e atraentes, expressão de maturidade e plenitude (cfr. *VC 87-91*).

3. A LIBERDADE, O VALOR SUPREMO DA REALIZAÇÃO HUMANA

No interior do paradigma da historicidade, a *liberdade* adquire uma importância decisiva, justamente porque o ser humano se percebe, não como algo "programado de antemão", como um computador, mesmo o mais sofisticado, e sim como uma pessoa, como alguém que tem a vida nas próprias mãos, que pode dispor dela, que pode decidir o que deseja fazer com ela; aliás: o que quer *ser*, através dela.

Neste sentido, podemos recordar a frase, intencionalmente exagerada e provocadora de J.-P. Sartre: "A existência precede a essência." *Ninguém*, nenhum ser humano ou divino pode decidir por mim aquilo que **eu** quero ser. Por detrás desta atitude podemos encontrar a expressão de um prometeísmo mais ou menos ateu, mas também um desafio que nos faça compreender que Deus não pode querer de nós, seus filhos, um amor e uma dedicação que não sejam plenamente livres.

Convém analisar mais a fundo a liberdade como dimensão essencial do ser humano. Sem dúvida, não podemos aceitar uma supremacia da liberdade que procure elevar-se acima de qualquer instância ou valor: mas tampouco pode-se rejeitá-la ou pregar contra ela. Lamentamos muitas vezes uma liberdade que degenera em libertinagem, etc.; mas qual é o perfil e a dinâmica desta atitude, para poder compreendê-la, enfrentá-la e dar-lhe resposta?

De forma semelhante à historicidade, esta superestima da liberdade não é só quantitativa ("o máximo"), mas também *qualitativa*, *núcleo de um paradigma* em torno do qual giram todos os outros valores. Quando não se leva isto em consideração, torna-se impossível entender certas atitudes que parecem contraditórias.

Menciono um exemplo, não certamente casual. Diante do deplorável tema dos abusos e moléstias sexuais, sem dúvida injustificáveis, e da não menos deplorável manipulação dos mesmos, constatamos na sociedade e nos meios de comunicação uma "dupla medida" muitas vezes hipócrita: como é possível que esta sociedade, que procura punir a mínima falta neste particular, tolere ao mesmo tempo a sua exacerbação em forma de pornografia quase sem restrições? Vista do paradigma da sexualidade, esta atitude dupla resulta incompreensível; mas a partir de outro paradigma, o da liberdade, não só é compreensível, mas torna-se lógico: no fundo afirma que, quando se trata de adultos (= maiores de 18 anos), podem fazer o que quiserem, com absoluta liberdade, contanto que não prejudiquem a terceiros (aqui novamente: "na sua liberdade").

Obviamente, não procuro de modo algum justificar tal atitude; ao contrário, aqui se percebe, a meu ver, o *cerne* do verdadeiro problema. Como se indicava acima, não se trata só de uma avaliação quantitativa (= exagerada) da liberdade, mas é considerada, *qualitativamente*, como *paradigma* da realização humana. Diante disto, é preciso dizer: a liberdade não constitui

um paradigma, não é o valor fundamental que permite a realização da pessoa humana: é, ao invés, a *característica que* deve acompanhar todos os valores humanos, para que o sejam realmente.

Com outras palavras: a liberdade, como *adjetivo*, deve acompanhar todo *substantivo*: senão, este último perde o seu caráter de *valor*. Porém, quando o adjetivo quer tornar-se *substantivo*, absolutiza a liberdade, autodestruindo-se, e destruindo o próprio sujeito. (Convém recordar a etimologia da palavra "absoluto": *ab-solutus* nos evoca o “desligamento” de qualquer outra coisa).

Contra esta absolutização formalista da liberdade, podemos citar até um autor de modo algum suspeito de “ascetismo”, Frederico Nietzsche:

"Tu te chamas livre? Quero conhecer teu pensamento dominante, e não que escapaste de um jugo.

És alguém ao qual é *lícito* escapar de um jugo? Mais de um lançou para fora de si o seu último valor jogando fora a sua última escravidão.

Livre de que? Isto pouco interessa a Zaratustra! Os teus olhos devem anunciar-me com clareza: livre *para que*?² (o grifo é do autor).

Gostaria de aprofundar este tema recorrendo ao pensamento daquele que tem sido considerado, na literatura universal, o maior conhecedor do coração humano: F. M. Dostoievski. É um lugar comum citá-lo como o escritor que defendeu, mais do que qualquer outro, a liberdade humana; todavia soube, por outro lado, apresentar genialmente os riscos desta mesma liberdade, quando procura elevar-se como valor absoluto da existência humana.

Dentro da impressionante galeria de personagens de Dostoievski, encontramos três que encarnam, de diferentes perspectivas, a tentação da *liberdade absoluta*, que corre o risco de levá-los à autodestruição, e em dois casos acontece (mediante o suicídio). Na perspectiva *ética*, encontramos Raskolnikov, de *Crime e Castigo*, obcecado pela questão da possibilidade de existirem "homens superiores", e se lhes é lícito fazer tudo (e, concretamente, se ele é um desses seres excepcionais); Kirillov, no romance *Os Demônios*, que encarna a radicalização *teológica* da liberdade, pretendendo contemporaneamente eliminar e suplantar Deus, entendido como Senhor déspota absoluto e Patrão de toda liberdade; e sobretudo Stavroguin, no mesmo romance, do ponto de vista *ontológico*: personagem fascinante para todos os que o rodeiam, embora se trate apenas de uma bela estátua que, infelizmente, na realidade é vazia por dentro. Um dos melhores especialistas de Dostoievski, Luigi Pareyson, comenta: “A sua liberdade é puro arbítrio, que, não tendo diante de si nenhuma norma para violar, tampouco tem um objetivo para se propor, e portanto gira sem rumo, dissolvendo-se na apatia, na náusea, na inatividade, numa espécie de inútil experimentação e de inércia destrutiva. Seu poder era grande e temível, e grande e terrível é a destruição que daí deriva: os homens que sofreram seu influxo se perdem; e ele próprio, ‘caráter sombrio e demoníaco’, põe-se o problema supremo: ser ou não ser? Viver ou destruir-se?’ E se destrói: o suicídio imprime o selo do nada a uma vida que teve somente o nada como lema”³.

Sem dúvida, trata-se de casos extremos; mas justamente por isto, manifestam com perfeição o perigo de uma liberdade que não aceita, humildemente, ser *adjetivo* que acompanha inseparavelmente os valores que realizam, humanamente – e, no nosso caso, também cristãmente e religiosamente – a pessoa: em primeiro lugar e antes de tudo, *o amor*, porque não

² FREDERICO NIETZSCHE, *Así habló Zaratustra*, Madrid, Alianza Editorial, 1984, 12ª Ed., p. 308.

³ LUIGI PAREYSON, *Le Dimensioni della Libertà in Dostoevskij*, in: S. GRACIOTTI, Ed., *Dostoevskij nella coscienza d'oggi*, Firenze, Sansoni Ed., 1981, p. 110.

existe amor autêntico que não seja livre. A liberdade é o incontornável *terminus a quo* da realização humana, abaixo do qual perdemos a nossa dignidade humana, e nos transformamos no rebanho que segue o Grande Inquisidor (e Deus nos livre de ser "grandes inquisidores" que atentam contra a liberdade dos seus irmãos!): mas de nenhum modo constitui o *terminus ad quem* desta realização.

4. "...É UMA EXPERIÊNCIA..."

Dentro desta constelação de valores (historicidade – liberdade – realização) ocupa um lugar privilegiado a experiência. Palavra "mágica", que tem uma íntima relação com cada um deles: permite a *realização* humana, no horizonte da *historicidade*, como momento privilegiado do exercício da *liberdade*.

Deixando de lado a análise, sem dúvida enriquecedora, da etimologia desta palavra a partir de diversos campos lingüísticos, sobretudo o latino (ex-perior = expertus) e o germânico (Erfahrung = er-fahren), vamos diretamente ao seu significado típico. Aqui também, convém precisar que não se trata de uma realidade "nova": nas diversas culturas existem expressões proverbiais que manifestam a dificuldade de "aprender com a cabeça do outro" e tirar proveito. Desde sempre percebeu-se que viver tudo na primeira pessoa é algo certamente não sempre desejável, mas em todo caso inevitável.

Além disto, em praticamente todas as culturas tradicionais existem "ritos de iniciação" que tornam possível a passagem de uma etapa a uma outra da vida, *experiências* que envolvem a pessoa toda, e não só a sua capacidade intelectual ou afetiva, mas sim ambas as dimensões ao mesmo tempo, como também a sua realidade corporal, muitas vezes de maneira dolorosa. É mister acrescentar, todavia, que, embora esses "ritos de iniciação" persistam na cultura atual⁴, em formas muitas vezes disfarçadas, existe uma diferença essencial: atualmente não se procura, através destas experiências únicas, integrar-se no passado mítico, mas abrir-se a um futuro promissor, rejeitando – algumas vezes de modo explícito - o seu passado.

Nesta linha experiencial podemos mencionar a dimensão *mistagógica* da catequese cristã dos primeiros séculos, que visava não apenas preparar os catecúmenos mediante aquisição de conhecimentos, mas também fazê-los *viver uma experiência* de encontro com o Senhor Jesus e, por meio dele, no Espírito Santo, com o Pai. Hoje em dia também, a pastoral, sobretudo a dos jovens, procura desenvolver esta dimensão essencial. Mais ainda: a experiência mística caracteriza-se justamente por este traço específico do encontro com o Deus Trino e Uno (embora não dependa da capacidade humana, mas é um dom divino).

Tudo isto nos mostra que não estamos perante uma dificuldade a superar, mas sim perante uma realidade muito rica para discernir e assumir: vencendo, sem dúvida, os perigos que implica.

a) Entre esses perigos encontramos, em primeiro lugar, o seu caráter *formal* (analogamente ao que se dizia da liberdade). Dá a impressão de que toda experiência se justifica pelo próprio fato de sê-lo: quantas vezes já não ouvimos, para justificar qualquer atitude inaceitável, esta explicação: "...é uma experiência"! Parafraseando, talvez de modo irriverente, a primeira carta de Pedro: a experiência torna-se semelhante ao amor fraterno, na medida em que é um manto que "cobre a multidão dos "pecados"" (cfr. 1Pd 4, 8). Falando da experiência na formação, tenho constatado que, junto com o orgulho, é um dos impedimentos estruturais mais

⁴ Cfr., a este respeito, a extraordinária obra de MIRCEA ELIADE (por exemplo, *Lo Sagrado y lo Profano*, Barcelona, Ed. Labor, 6a. Ed., 1985.

fortes para o arrependimento e a conversão, porque a alternativa seria privar-se da experiência, e isto é percebido, formalmente e *a priori*, como uma limitação e um empobrecimento. Chegou-se a dizer – graças a Deus, não na vida consagrada! – que qualquer forma de sexualidade, mesmo a mais aberrante, é preferível à abstenção do seu exercício! Parece-me o extremo *formalista* da avaliação da experiência enquanto tal.

b) Esta maneira de pensar muitas vezes deturpa o próprio sentido da experiência. Já o fato de passar, do *singular* "da" experiência, como expressão da sabedoria de quem sabe aprender da vida partindo do cotidiano e habitual, ao plural "das" *experiências* como momentos extraordinários e excepcionais, desloca o acento da *atitude* para o *ato*. Há uma canção mexicana que exprime magnificamente isto: "Nada te han enseñado los años, siempre caes en los mismos errores" ("Nada te ensinaram os anos: cais sempre nos mesmos erros ") que equivale a dizer: "tiveste muitas *experiências*, mas não *tens experiência*", não aprendeste nada da vida, não te tornaste um "experto" dela.

c) Desta superestima unilateral da própria experiência derivam dois grandes perigos para a vida consagrada atual: o *individualismo*, justamente porque ninguém pode substituir-me no aprendizado da vida: "*é a minha experiência*"; e junto com ele, o *relativismo*: "cada qual pensa conforme sua própria experiência": fora disto, todo o resto é abstração. Não há normas objetivas que possam prevalecer sobre o que a vida me "ensinou".

Gostaria de aprofundar este ponto. A direção espiritual dos religiosos em formação inicial tem-me levado à convicção de que os problemas, sobretudo no campo da afetividade, em larga medida derivam da *maneira* de enfrentá-los (ou até, de não querer enfrentá-los); além da atitude "da avestruz" a qual, com a cabeça enfiada na areia, pensa que ninguém está vendo a sua situação (quando, na realidade, todos estão perfeitamente informados e comentam com todos, exceto com o interessado), é típico partir do pressuposto: "devo viver sozinho esta experiência de relação afetiva, porque ninguém será capaz de entender-me: vão pensar – a começar dos meus formadores – que se trata de uma moça como qualquer outra, mas é uma pessoa única, singular", etc... no fundo, ninguém duvida que todo ser humano é único e singular, e por este motivo não se podem dar "*receitas*"; mas somos todos seres humanos, concretamente, homens ou mulheres, e por isto pode haver critérios que, dentro da inegável singularidade de cada situação, nos permitem situá-la e discerni-la o mais objetivamente possível, e sobretudo ajudar-nos uns aos outros.

d) Para superar este formalismo, é preciso ressaltar que o que importa não é só fazer experiência, mas *qual é o valor* do qual fazemos experiência: ou seja, o próprio *conteúdo*. Com isto retomamos o que acima foi dito, a saber: a necessidade de superar uma educação-formação intelectualística que pretenda interiorizar conteúdos vitais sem fazer experiência deles. Falando enfaticamente, e cedendo por uma vez ao jogo de palavras: o que conta não é o *valor da experiência*, e sim a *experiência do valor* a interiorizar e assimilar. Nas Constituições dos Salesianos, o artigo central que procura caracterizar a formação como um processo permanente, traz como título: "A experiência formativa", que é assim descrita: "O salesiano faz *experiência dos valores da vocação salesiana nos diversos momentos da sua existência, e aceita a ascese que este caminho comporta*" (C SDB 98).

Na vida de Buda encontramos uma narração lendária muito significativa. Desde o seu nascimento, seu pai quis evitar-lhe a experiência de todo tipo de situações "negativas" que pusessem em perigo a sua percepção otimista da vida: concretamente a velhice, a doença e a morte. Todavia, essa preocupação foi contraproducente: bastou uma ocasião em que, abandonando o palácio familiar, teve diversos encontros: com um doente, um ancião e um enterro, para mergulhar-se na mais profunda crise depressiva.

Muitas vezes, com a maior boa vontade, queremos fazer algo semelhante, nos diversos campos da vida consagrada, sobretudo na etapa inicial... mas tal atitude, em vez de ser formativa, é profundamente deformante. Precisamos dizer, sem dúvida, que os nossos confrades jovens, e não tanto jovens, não entram precisamente em crise diante do olhar cansado de uma anciã próxima da morte, mas sim diante do olhar cativante de uma bela moça cheia de vida: e especialmente quando se procurou mantê-los à margem de toda experiência "perigosa" no campo da relação afetiva com as pessoas do outro sexo...

5. A FORMAÇÃO PARA A RENÚNCIA

Finalmente, e ainda em relação à superação do "formalismo", é preciso falar de uma realidade que no nosso tempo mais que em qualquer outro, implica ir "contra a corrente": a *formação para a renúncia*. Falando paradoxalmente, é preciso proporcionar a *experiência da renúncia*. Não é questão de olhar para tempos passados, quando este exercício tinha um caráter totalmente formal: a coisa mais importante era aprender a renunciar... para renunciar, para "avigorar a vontade." Ao contrário, é indispensável redescobrir o valor humano e cristão da autêntica renúncia, para poder viver uma experiência que seja enriquecedora, de maneira que seja assumida positivamente, e não conduza à frustração e à neurose.

Na pequena parábola do comerciante de pérolas preciosas (Mt 13, 45-46), encontramos alguns elementos fundamentais que nos permitem delinear a "fenomenologia da renúncia":

a) – renuncia-se àquelas pérolas preciosas ("o comerciante vai e vende aquilo que tem") não *porque sejam falsas*: são autênticas, e constituíram até aquele momento o tesouro do comerciante. Aplicando à nossa realidade, não é certamente um método apropriado aquele que tenta diminuir o valor daquilo a que é preciso renunciar, a fim de que se torne mais fácil. Afinal, renunciar às "coisas más" não constitui a renúncia humana mais profunda e completa. Quantas vezes ouvimos perguntar, como resistência a uma renúncia necessária: "o que há de mal no que estou fazendo?" E tem toda a razão quem fala assim: apenas deve compreender que é justamente *então*, que se apresenta a oportunidade da renúncia no seu sentido mais autêntico.

b) - renuncia-se a pérolas autênticas, com dor e ao mesmo tempo com alegria, porque *encontrou-se "a" pérola definitiva*, aquela que encheu os olhos e o coração do comerciante: e ele compreende que não pode adquirir esta, se não vende aquelas. Se a nossa vida consagrada, centrada no seguimento e na imitação do Senhor Jesus, não resulta fascinante, torna-se injusta e desumanizante a renúncia que exige... como diz esplendidamente *Potissimum Institutioni*: "Somente este amor de caráter nupcial e que implica toda a afetividade da pessoa, permitirá motivar e sustentar as renúncias e as cruzes que encontra necessariamente aquele que deseja 'perder a sua vida' por causa de Cristo e do seu Evangelho (cfr. Mc 8, 35)" (n. 9).

c) - a alegria pela posse da "pérola preciosa" nunca elimina completamente o medo de que não *seja autêntica*: na hipótese de ela ser falsa, a minha decisão teria sido errada, e teria arruinado minha vida. Este "risco" na vida cristã, e mais ainda, na vida consagrada, é uma consequência direta da *fé*; somente na fé tem sentido a nossa vida: se não é verdade aquilo em que acreditamos, "somos os mais infelizes de todos os homens", parafraseando São Paulo (cfr. 1Cor 15, 19). O dia em que, em qualquer dimensão da vida consagrada, se puder dizer: a "minha vida é plenamente gratificante, mesmo se não é verdade aquilo em que creio", o nosso Instituto se torna... uma ONG, com a agravante que implica certas exigências inaceitáveis para os seus membros...

d) - Jogando de novo com as palavras, não se deve apenas proporcionar a experiência da renúncia, mas também, em muitas situações, é necessária a *renúncia à experiência*, uma das

coisas mais difíceis de entender e aceitar, hoje. Pensamos, por exemplo, no campo afetivo (e sexual): há aqueles que pensam, com as melhores intenções, que a renúncia lhes resultará mais fácil se viverem a experiência correspondente: "ao menos, sei a que renuncio." No fundo, trata-se de uma miragem: não podemos seguir todas as diferentes estradas que a vida nos oferece, para escolher depois, numa etapa sucessiva, a que devemos seguir. O que é decisivo – e que uma sólida formação deve proporcionar – é que a pessoa assuma com maturidade esta *decisão* (palavra que conota, na sua etimologia, "cortar"), e não lamente, durante toda a vida, aquilo que nunca provou, tendendo assim, inevitavelmente, a superestimá-lo: o fruto proibido é sempre o mais desejável.

6. O CONTEXTO ATUAL: A PÓS-MODERNIDADE

Esperando que o que dissemos até agora exprima, de um ponto de vista específico, a situação antropológica da vida consagrada, é mister perguntar-nos: tudo isto constitui uma verdadeira novidade, com respeito a outros tempos? Ou se trata somente, como indicávamos no início, de uma tematização de aspectos que sempre estiveram presentes, ao menos implicitamente?

É evidente que não podemos falar de uma absoluta "novidade", porque seria ignorar que, como seres humanos, temos uma indubitável homogeneidade de base, que se manifesta em todo tempo e lugar. Utilizando uma expressão de Mircea Eliade, é preciso dizer que temos a mesma "estrutura arquetípica" ou, empregando uma imagem mais simples: ainda que a fotografia de cada um fosse muito diversa, a radiografia seria muito semelhante.

Todavia, já que se fala hoje de uma era nova e qualitativamente distinta na história da humanidade, deve implicar fatores que, ao menos na sua maior ou menor incidência, mudaram radicalmente. Concretamente, farei referência a um que concerne plenamente ao nosso tema.

O ser humano, embora viva sempre no presente (é uma verdade lapalissiana), é um "ser de futuro" (E. Bloch, W. Pannenberg): pela própria natureza, é colocado defronte do *utópico*, daquilo que ainda não "tem lugar" no nosso mundo e na história. Isto pode-se dizer, *a fortiori*, das gerações jovens, que recebem esta orientação para o futuro da sua própria identidade psico-somática, inscrita até na célula mais "humilde".

Por isso, constatamos na situação pós-moderna uma tragédia: a *ameaça de futuro que* pesa sobre a humanidade coloca, sobretudo esta geração jovem, diante de uma contradição existencial: de um lado, com uma exigência irresistível de um horizonte de futuro, e do outro, com a carência deste *horizonte*. Se a esta atitude acrescentamos a recusa do passado por parte da cultura jovem atual, podemos entender a sua sensação de estar "encerrada" no espaço mínimo que lhe permite o presente, sem outra solução senão tentar "viver o instante que foge" (*o átimo fugaz*).

Esta ameaça manifesta-se duplamente: de um lado, naquilo que J. Moltmann chamou "a perda da inocência atômica" de Hiroshima em diante⁵: sabemos – e as notícias mais recentes no-lo recordam ainda – que desde alguns decênios, e pela primeira vez na história do mundo e do homem nele (pelo que sabemos), existe a possibilidade real (que depende, em concreto, da decisão de algumas pessoas) que desapareça a humanidade inteira, como consequência de uma conflagração nuclear. O fato de os chefes das nações chegarem a eventuais acordos a este respeito não elimina o perigo: como diz o próprio Moltmann, não recuperaremos jamais a inocência perdida. "A época em que vivemos é, mesmo se tivesse de durar até o infinito, a

⁵ Cfr. JÜRGEN MOLTSMANN, *La Catastrofe atomica: e Dio, dov'è?*, Urbino, Il Nuovo Leopardi, 1987, p. 11.

última época da humanidade... Vivemos no tempo do fim, isto é, daquela época na qual todo dia podemos provocar seu fim"⁶.

Por outro lado – e não totalmente desligada da precedente – encontramos esta ameaça na degradação ecológica, universal e irreversível: pensamos na poluição do ar, na diminuição da água doce, na destruição das matas, no vertiginoso aproveitamento das energias não renováveis. Como diz o mesmo Moltmann, "todos somos iguais... defronte do buraco de ozônio."

Esta "supressão de fora" do horizonte de futuro é um fator típico do nosso tempo, e é fundamental para compreender o obsessivo apego ao presente, e a necessidade de "satisfações" imediatas que caracteriza a era pós-moderna: pois não é a mesma coisa "querer viver o hoje" na perspectiva do amanhã, que ter de ancorar-se no hoje, porque talvez não haverá um amanhã... Dias atrás um jornal, a respeito de uma recensão de um livro do Prêmio Nobel de Literatura, o escritor húngaro Imre Kertész, utilizava esta expressão: "É possível ter filhos depois de Auschwitz"? (evocação da célebre frase: "É possível crer em Deus depois de Auschwitz"?). é a pergunta que hoje se colocam tantos jovens diante do matrimônio e da família: não com um sonho de outros tempos, mas com a angústia diante do futuro no qual lhes caberá viver; vale então a pena trazer novos serres ao mundo?

É incontestável que esta "privação de futuro", num sentido muito diferente, atinge também a vida consagrada, em particular as novas gerações.

7. "...EU ESCOLHO TUDO...!"

Poder-se-ia continuar aprofundando o tema da pós-modernidade, mas remeto aos estudos especializados que Vocês bem conhecem. Gostaria, porém, de convidá-los a refletir sobre o presente e o futuro imediato da vida consagrada, mais do que com conceitos teóricos, contemplando uma figura de santidade tipicamente atual na Igreja: Santa Teresinha de Lisieux.

Entre as suas diversas experiências, hoje se sublinha, com justa razão, a da incredulidade e do ateísmo que a santa viveu no final da sua vida, que soube descobrir como dom de Deus e assumir de forma extraordinariamente positiva, como solidariedade com "os distantes de Deus." Agora desejo ressaltar um outro aspecto. Entre as muitas lembranças da sua infância, uma, aparentemente banal, é particularmente significativa. Um dia, sua irmã Leônia, pensando que era grande demais para brincar com boneca, foi ao encontro das outras com um cesto cheio de roupinhas e de retalhos destinados a fazer bonecas, para cada uma das irmãs escolher. Quando chegou a vez de Teresinha, ela mesma conta: "Estiquei a mão, dizendo: *Eu escolho tudo!*, e tomei o cesto sem muita cerimônia"⁷. Poderíamos chamar isto de atitude tipicamente "pós-moderna", de quem não quer renunciar a nada.

Não se trata de uma manifestação infantil de egoísmo: creio que antes exprime um traço muito profundo da sua personalidade. Com efeito, muitos anos depois, num dos momentos mais importantes do seu discernimento espiritual, aflora novamente este anseio em páginas que se tornaram clássicas na espiritualidade cristã: "Sinto em mim outras vocações: sinto a vocação de guerreiro, de sacerdote, de apóstolo, de doutor, de mártir; em suma, sinto a necessidade, o desejo de realizar por ti, Jesus, todas as obras mais heróicas... Sinto na minha alma a coragem de um cruzado, de um zuavo pontifício: gostaria de morrer num campo de batalha pela defesa da Igreja (...). Como conciliar estes contrastes? como realizar os desejos da minha pobre

⁶ Ibidem, citando Günther Anders.

⁷ S. TERESA DI GESÙ BAMBINO, *Opere Complete*, Roma, Libreria Editrice Vaticana – Edizioni OCD, 1997, p. 91.

pequena alma? (...) Durante a oração os meus desejos me faziam sofrer um verdadeiro martírio. Abri as epístolas de São Paulo para procurar alguma resposta (...) Li que nem todos podem ser apóstolos, profetas, doutores, etc.; que a Igreja é composta de diversos membros, e que o olho não poderia ser ao mesmo tempo a mão... a resposta era clara, mas não satisfazia os meus desejos, não me dava a paz (...). Sem desencorajar-me continuei a leitura e esta frase me reanimou: 'Procurai com ardor os dons mais perfeitos: mas eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente.' E o apóstolo explica como todos os dons mais perfeitos nada são sem o Amor (...) Finalmente eu tinha encontrado o repouso! (...) A caridade deu-me a chave da minha vocação (...) Entendi que só o amor fazia agir os membros da Igreja: que se o amor devesse extinguir-se, os apóstolos não mais anunciariam o Evangelho, os mártires recusariam derramar o seu sangue... Entendi que o amor encerrava todas as vocações, que o amor era tudo, que o amor abrangia todos os tempos e lugares... Em suma, que o amor é eterno! Então, no excesso da minha alegria delirante, exclamei: Ó Jesus, meu Amor...! Encontrei finalmente a minha vocação! A minha vocação é o Amor"!...⁸

Só na medida em que centramos todo o nosso ser no amor a Deus e ao próximo, e fazemos com que a formação inteira, pela vida a fora, tenha a finalidade de *crescer no amor*, obteremos aquilo que parecia impossível: ter "*o todo no fragmento*" (evocando Von Balthasar). Poderemos assim realizar, na limitação, na rotina e na "unicidade" da nossa vida, a totalidade da vocação cristã: compreenderemos que no amor se realiza o paradoxo extraordinário de sermos capazes de renunciar a tudo e, ao mesmo tempo e precisamente por isso, não renunciar, afinal, a nada daquilo que nos permite atingir a nossa plena realização; assim o entendeu e o viveu a pequena santa do Carmelo...

8. A FIDELIDADE NA ERA PÓS-MODERNA

Tudo o que dissemos, afinal, procura situar e robustecer nossa *fidelidade consagrada*, no tempo difícil e fascinante em que vivemos. Mencionávamos já desde o início que certamente a cultura atual não favorece a prática da fidelidade: até mesmo, em alguns ambientes, a fidelidade matrimonial é quase uma "exceção."

A motivação bíblica a este respeito é imensa e fascinante. A palavra hebraica que se traduz geralmente por "fidelidade", *hésed*, conota em primeiro lugar, sobretudo quando se aplica a Javé, a solidez, a força, a persistência no tempo, em contraste com a fragilidade das promessas humanas. Por conseguinte designa a Aliança, tanto no seu aspecto "jurídico", como sobretudo na motivação fundamental que a torna possível, ou seja a solidez do amor de Deus. Neste sentido, comenta um grande exegeta: "A coisa mais maravilhosa para o povo de Israel, não é tanto que Deus o ama, e sim o fato que esse amor seja fiel, duradouro, apesar de tudo" (E. Jacob).

Há dois salmos que, em particular, cantam esta *fidelidade* do amor de Deus: o 117 (116) que, na sua brevidade, é uma verdadeira jóia: "Louvai o Senhor, povos todos (...) porque *forte é o seu amor por nós, e a fidelidade do Senhor dura para sempre*".

De modo semelhante, o "grande Hallel" (136 [135]), não canta tanto o amor divino, mas sim sua *fidelidade*: "porque *eterno é seu amor*." Esta garantia do amor de Deus que é firme, sólido, fiel, encontra a sua plenitude no Novo Testamento, na nova e eterna Aliança, em Jesus Cristo.

A vida consagrada é, na sua essência mais profunda, *aliança nupcial com Deus* e conta com a garantia de sua parte; infelizmente, o "parceiro" humano da Aliança pode falhar; mas mesmo neste caso, "Ele permanece fiel, porque não pode negar-se a si mesmo" (2Tm 2, 13).

⁸ Ibidem, 221-223.

Seria muito enriquecedor tentar situar a fidelidade dentro do "paradigma" da historicidade. Sendo impossível desenvolvê-lo longamente, mencionarei apenas alguns aspectos relevantes.

No início falamos do caráter *permanente* da formação, o seguimento e a imitação de Jesus Cristo "até a morte." Todavia convém aprofundar esta "permanência" para não acontecer conosco como com tantos casais que continuam a viver unidos por "inércia", embora tenha desaparecido o núcleo que dava sentido à sua aliança, o amor. Se partimos da convicção de que "a formação é a resposta livre à vocação", podemos deduzir a seguinte conclusão: *somente pode existir a formação permanente se existe também a experiência da vocação permanente*. O Senhor não nos chamou há 10, ou 20, ou 50 anos: chama-nos *hoje*, desde há 10, ou 20, ou 50 anos. Unicamente esta experiência alegre do Deus que nos ama e nos chama, torna possível uma resposta igualmente alegre e cheia de fidelidade. De maneira quase imperceptível incluímos aqui a historicidade, a experiência, a liberdade e a realização pessoal em Cristo.

Resta, porém, um problema ao qual a geração atual é particularmente sensível. É inegável a generosidade com a qual muitos rapazes e moças se consagram ao serviço dos outros, muitas vezes de forma total; todavia isto acontece por um período determinado de tempo: a coisa mais difícil é assumir um compromisso definitivo, pronunciar um "*para sempre*", renunciar por princípio a qualquer outra possibilidade alternativa. "E se a vida me apresenta uma outra estrada? E se chego a encontrar a mulher (o homem) que poderia tornar-me feliz? Se as circunstâncias, o lugar, a comunidade, o trabalho em que me encontro agora mudam radicalmente?" Todas estas perguntas têm em comum o fato de fazerem depender a fidelidade de um futuro *externo a nós*, do qual não podemos dispor. Diante disto, é necessário ressaltar, em todas as etapas da formação (até a morte), que a autêntica fidelidade não depende daquilo que "pode acontecer", mas daquilo que eu decidi, e que cada dia renovo: o me amor fiel ao Senhor, na entrega total a meus irmãos e irmãs.

A fidelidade tem uma característica *típica* que a distingue de outras virtudes. Podemos compará-la, no campo das belas artes, com a música em relação à pintura e a escultura: posso contemplar, num só momento, uma bela estátua ou um quadro famoso, mas não posso escutar, *instantaneamente*, a Nona Sinfonia de Beethoven ou A Flauta Mágica de Mozart: aqui é indispensável o seu "desdobramento" no tempo, a sua "historicidade"... De modo análogo, a fidelidade não pode realizar-se senão como experiência "histórica". A fidelidade não tem medo do futuro, precisamente porque só nele pode realizar-se como tal; e sobretudo quando se trata da fidelidade do amor e no amor, vive-se em plenitude, mesmo no nível humano, só no horizonte do "para sempre". É o próprio Nietzsche que afirma: "Toda alegria requer eternidade." Paradoxalmente, aquilo que parecia ser um risco, torna-se a condição indispensável da possibilidade.

Gostaria de terminar este parágrafo com um texto muito bonito, que sem dúvida muitos de Vocês ouviram ou leram alguns decênios atrás. É tirado da famosa Carta sobre o Celibato Sacerdotal, de Karl Rahner. Dirigindo-se ao seu interlocutor, lhe pergunta: "Que valor terão, afinal, para Você esta questão jurídica e todas as previsões jurídicas para o *futuro*, se Você se mantém *fiel* à sua vida e às suas decisões fundamentais? No fundo, nenhum. Permita-me que me exprima francamente e com clareza? Não espero o "futuro", como aquela escultura da catedral de Friburgo que representa uma freira idosa que está mostrando o seu último dente para dar a entender que estava ainda em tempo para casar. Eu já escolhi (...) Sou sacerdote. Jamais me arrependi disto"⁹.

⁹ KARL RAHNER, *Siervos de Cristo*, Barcelona, Ed. Herder, 1970, p. 206.

9. CONCLUSÃO

Se terminasse esta reflexão com um convite a fazer uma relação entre as virtudes teologais e as dimensões do tempo, imagino que pareceria fora de lugar e irrelevante. Tentarei mostrar a sua validade, como conclusão e projeção no futuro.

Diz Cervantes, no *Dom Quixote*, que não existe livro, por mais feio que seja, que não tenha algo de bom. Aplico isto a uma obra que apareceu nos anos '60, e que é considerada a expressão mais radical da "teologia da morte de Deus": o *Evangelho do Ateísmo Cristão*, do teólogo americano Thomas J. J. Altizer¹⁰. Deste livro, as críticas mais benévolas comentaram, ironicamente, que não era nem evangelho, nem ateísmo, nem cristão. Todavia, no final o autor lança um desafio (tal é o título do último capítulo) que podemos aceitar e que permitirá compreender melhor o que queremos dizer.

O autor coloca "as virtudes teologais" (sem chamá-las deste modo) em estreita relação com as dimensões do tempo: a fé com o passado, a esperança com o futuro, o amor com o presente; depois afirma: quem quer basear-se na fé se ancora num passado anacrônico; quem vive na esperança, se aliena refugiando-se num futuro inexistente; é pois necessário rejeitar ambos os modos, para viver no contínuo presente do amor; a esta alternativa se reduziria a vida cristã, segundo Altizer. De algum modo esta mesma idéia encontra-se na interpretação pós-moderna da Encarnação do Filho de Deus em Gianni Vattimo, no seu livro *Credere di Credere*.

Como dizíamos, é sugestiva esta relação entre as virtudes teologais e as dimensões temporais, embora seja inaceitável o seu caráter de "alternativa": ou esta ou aquela. Ao contrário, somente na sua total integração, como *tripla atitude teologal*, com um sólido fundamento antropológico, estas três virtudes podem encontrar seu sentido pleno. Embora seja indiscutível que a mais importante é o amor, é necessário salientar que não *existe amor cristão sem fé cristã e sem esperança cristã*: "E seu mandamento é este: que tenhamos fé no nome de seu Filho Jesus Cristo e nos amemos uns aos outros, como Ele nos ordenou" (1 Jo 3, 23).

Em vez de nos queixar do tempo atual, assumamos com confiança no Senhor o desafio que nos propõe: somente a partir de uma fé sólida que alimenta uma "esperança viva" e se manifesta num amor concreto e incondicional a Deus e a nossos irmãos nos quais reconhecemos o rosto do Senhor Jesus, poderá ser relevante a nossa fidelidade na vida consagrada: assim tem sido na tradição de nossos Institutos, a começar dos nossos Fundadores e Fundadoras. Só um presente fiel ao seu passado e aberto ao futuro poderá ser relevante e significativo, no contínuo presente do serviço de Deus e do mundo, por amor.

Um árvore é sadia e vigorosa quando tem raízes que afundam na profundidade obscura da terra; quando o seu tronco se projeta para as alturas, recebendo a seiva que a raiz lhe oferece, e possibilitando em seus ramos o nascimento e o amadurecimento de seus frutos. Sem a raiz que remete a um passado histórico concreto e real, sem o tronco da esperança que nos lança para o futuro, e sem os frutos do amor, sempre presente, seremos uma árvore seca, que seria melhor cortar e utilizar como lenha ou deixar simplesmente que seque. Peçamos ao Espírito do Senhor, com a colaboração materna de Maria, que vivifique de tal modo os nossos Institutos, que cada um deles constitua um bosque que ofereça sombra fresca, purifique o ar poluído que nosso mundo respira e produza com abundância frutos de salvação para todos os nossos irmãos e irmãs aos quais o Senhor nos envia!

¹⁰ THOMAS J. J. ALTIZER, *Il Vangelo dell'Ateismo Cristiano*, Roma, Ubaldini Ed., 1969.

Conclusões do trabalho em grupo

Francesco Cereda, SDB

No modo de perceber o humano e as suas possibilidades há elementos constantes, que – poderíamos dizer – constituem uma visão intercultural e prevalente. A felicidade e a realização pessoal, os desejos e as aspirações, os afetos e as emoções são oportunidades e desafios. Recolhemos numa síntese aqueles aspectos antropológicos que, embora desafiadores, são imprescindíveis para toda vida consagrada que queira ser plenamente humana e portanto credível. Eles constituem a base para a fidelidade vocacional.

Autenticidade

A situação antropológica atual oferece à vida consagrada a oportunidade de uma nova autenticidade. A cultura de hoje, com efeito, aprecia a autenticidade. As pessoas querem ver-nos felizes. Quer constatar que o que falamos concorda com o que fazemos e que as nossas palavras são genuínas porque nascem da coerência de vida.

A autenticidade é uma *oportunidade* que se apóia na generosidade e no desejo de fraternidade, sobre o dom de si e sobre a alegria do encontro, dinamismos muito arraigados, especialmente nos jovens, e fortes para o crescimento na vida consagrada genuína e no amor que se doa. É uma oportunidade que estimula e encoraja os membros mais idosos de nossas comunidades a serem verdadeiros modelos atraentes e provocadores, a viver o amor por Cristo que os inspirou a abraçar a vida consagrada e a entender que têm uma função a exercer na formação das jovens gerações. A autenticidade é uma oportunidade que exige atenção à dimensão humana do consagrado e à vida cotidiana das comunidades.

A autenticidade é também um *desafio*, porque exige que se volte ao essencial, sobretudo que se supere a funcionalidade que reduz a vida consagrada ao ofício, ao encargo ou à profissão, envenenando a paixão do dom de si a Cristo e à humanidade. A autenticidade é um desafio que requer cada dia a conversão e a renovação de nossas comunidades e a compreensão dos conselhos evangélicos como caminho para a plena realização da pessoa. A autenticidade desafia a vida consagrada, que é ameaçada todo dia pela insídia da mediocridade e da inércia, pelo perigo de confundir-se e amesquinhar-se sobre os valores do “mundo”.

Liberdade

Ser pessoa quer dizer ter a vida nas próprias mãos, ou seja, decidir o que se quer fazer da própria vida. A liberdade é responsabilidade de construir-se; é possibilidade; é futuro.

A liberdade é *uma oportunidade* porque só através dela se chega à interiorização de valores e à personalização dos processos de formação e portanto à verdadeira maturidade.

A liberdade é também um *desafio* porque é preciso saber conjugar auto-realização e projeto, auto-formação e acompanhamento, inclusive a direção espiritual. É necessário dar aos jovens todo o tempo necessário para crescer e chegar à maturidade, segundo o ritmo deles; nem sempre há correspondência e coerência entre as etapas canônicas e as etapas da maturidade e da decisão pessoal. À ordenação presbiteral e à profissão perpétua nem sempre corresponde a escolha pessoal, convicta e madura; precisa-se, pois, de formadores capazes de uma formação personalizada.

Historicidade

O homem é um ser *in fieri* e a sociedade está em contínua evolução. A pessoa se constrói no tempo; a sua autobiografia é o fio que liga a diversidade das experiências. A narração da própria história de vida assegura a própria identidade pessoal.

A historicidade portanto é *uma oportunidade* porque nos faz reconhecer que a nossa vida é um caminho e a nossa formação é um processo que não termina nunca. A vida é auto-realização e construção de si. A vida é uma música contínua, que se estende entre a formação inicial e a formação permanente. As mudanças da sociedade estimulam a vida consagrada a uma contínua renovação e adaptação; convidam-na a reexprimir-se a si mesma com a linguagem do homem de hoje.

A historicidade é também um *desafio* porque exige que a formação, enquanto permanente, anime e oriente a formação inicial. Não é suficiente cuidar dos jovens e da sua formação; é mister repor em movimento as comunidades e o Instituto, encorajando todos os membros a viver “o amor de antes”, a paixão vocacional que tinham no início de sua vida consagrada. A caminhada da própria vida corre também o risco de encerrar-se narcisisticamente sobre si mesma e de fechar-se em posições intimistas. Num mundo que muda e não tem centro, é o fragmento que domina; a formação então deve servir para unificar a pessoa e centrá-la no essencial, que é o seguimento de Cristo.

Experiência

Hoje é necessário superar uma formação intelectualística, que pretenda interiorizar conteúdos vitais sem fazer a experiência deles. Há um grande desejo de experiências, buscam-se as experiências mais emocionantes; querem fazer as próprias experiências.

A experiência é *uma oportunidade* porque quando se aprende da vida, a formação torna-se mais personalizada, concreta e profunda. Ela é necessária para todos, não só para os jovens. Também os confrades adultos têm necessidade de uma experiência forte e autêntica de Deus, do carisma, dos pobres, de relações fraternas e comunicativas.

A experiência é também um *desafio* porque a experiência pode tornar-se fim para si mesma, ao passo que, ao contrário, dever-se-ia fazer experiência dos valores. As diversas experiências podem ser fragmentárias e esparsas; é necessário, pois, o auxílio de um diretor espiritual, que facilite a unificação das experiências e promova a interiorização dos valores. Não se trata de proporcionar muitas experiências, mas de escolher umas poucas e bem preparadas, experiências fortes, que requerem uma atenção pedagógica a fim de que as *experiências* se tornem *experiência*.

Relações humanas e afetividade

Na cultura atual sente-se uma grande necessidade de relações humanas autênticas. Há nos jovens uma forte sede de fraternidade e amizade, de relações informais e afetuosas; mas também os adultos procuram relações enriquecedoras e significativas. Para poder ser profecia, a vida fraterna deve ter algo a dizer sobre a capacidade do consagrado de criar relações profundas e autênticas; elas devem ser atraentes no seu rosto humano.

O desejo de encontro constitui certamente uma *oportunidade* porque encaminhar-se para um aprofundamento das relações humanas personaliza a fidelidade e torna possível convidar outros a entrar numa verdadeira relação de autenticidade e comunicação, mas sobretudo de amor e de compromisso com a pessoa de Jesus Cristo. A fraternidade leva a ter mais atenção para os aspectos cotidianos da vida em comunidade. Os consagrados sentem também a necessidade de cuidar dos afetos e de ampliar as relações para fora do círculo da comunidade.

A fraternidade constitui também um *desafio* porque é necessário buscar a conversão e a renovação de nossas comunidades. Que ambiente humano encontra o jovem candidato em nossas comunidades e que comunicação encontram os confrades adultos? Trata-se de um desafio, que apresenta o problema de como “regenerar” as comunidades, especialmente quando envelhecem. É um desafio porque não é fácil encontrar formadores equilibrados e capazes de abordagem pessoal, que saibam evitar o individualismo e ir além do que é privado, que possam oferecer um sábio acompanhamento pessoal e uma adequada direção espiritual. É difícil também construir o equilíbrio emocional e afetivo nas próprias relações e na própria vida.

Renúncia

A renúncia faz parte da vida e portanto também da vida consagrada. Quando é assumida positivamente, então torna-se uma experiência libertadora e enriquecedora. Não se pode escolher tudo, embora quem vive por amor e escolhe o amor viva uma experiência totalizante.

A renúncia é *uma oportunidade* para viver a nossa vida consagrada com autenticidade e para fazer dela uma verdadeira “terapia espiritual” para a humanidade. Ela purifica e torna verdadeiro o amor e o humano.

A renúncia é também um *desafio* porque a vida consagrada oferece um modelo privilegiado de vida, poupando muitas vezes ao consagrado problemas e fadigas da vida normal. Mas a tentação consumista, a vida confortável, o bem-estar, as viagens e a posse individual de bens, atingem os consagrados em todas as culturas. É preciso voltar ao essencial em nossa vida e nas estruturas. Para os jovens sobretudo, mas não só para eles, a renúncia pode criar problema. Devemos ajudá-los a compreender que não se trata de sacrificar alguma coisa, mas de escolher alguma coisa, ou melhor, Alguém: o Senhor Jesus e seu seguimento. Nisto se encontra plena liberdade, alegria e realização. Isto significa permitir que Jesus entre em nossa vida e tome nela o primeiro lugar; significa ser livres de condicionamentos que possam impedir-nos de fazer e de viver esta opção radical.

Fidelidade

A fidelidade é a consequência da opção que o consagrado faz por Deus, suscitando na sua vida o fogo da paixão por Ele e pelo Senhor Jesus, até a oferta da própria vida para sempre.

A fidelidade é uma *oportunidade* porque sempre mais aprofunda e personaliza a relação com o Senhor Jesus e com o seu Reino. Permite afirmar Deus como valor absoluto e permanente, que permanece estável no vórtice das mudanças culturais. Ajuda a ver o mundo com olhos positivos e a ver as várias experiências de fidelidade na família, na comunidade e na Igreja como ação do Espírito na história. Permite também ver o sentido dos sacrifícios que o consagrado é chamado a fazer e a valorizá-los.

A fidelidade é também um *desafio* porque é provada pela situação fragmentada e fugaz da cultura. Neste sentido tem necessidade de ser constantemente acompanhada de forma pessoal e comunitária, para passar do narcisismo a um morrer a si mesmo no seguimento de Cristo. Por outro lado, a fidelidade não pode ficar apenas no nível conceitual; deve ser uma fidelidade viva, de encontro com Cristo, que interessa toda a pessoa e leva o consagrado das “experiências” fragmentadas à “experiência” fundante. A fidelidade do consagrado é um desafio permanente a ser aprofundado, que se traduz na pergunta cotidiana: a quem sou fiel? A fidelidade exige a criação de comunidades fiéis que gerem fidelidade, que ajudem a passar da superficialidade à raiz profunda da fidelidade, que construam e renovem a fidelidade carismática e que conheçam o caminho e a dinamicidade dos seus processos. A fidelidade é considerada pela cultura dominante como uma realidade que não pode durar a vida toda, mas que pode existir apenas como fidelidade “por certo tempo”; por isto na vida consagrada retorna com frequência a pergunta se e como considerar a possibilidade de assumir algum tipo de compromisso temporário.

Pós-modernidade

Para ser profecia para o mundo pós-moderno, a vida consagrada deve suscitar fascínio e fazer redescobrir a sua beleza.

Em geral o confronto com a cultura pós-moderna é *uma oportunidade* para propor os valores da vida consagrada como estímulo, purificação e alternativa aos valores do mundo: por exemplo, a fidelidade numa cultura que se orgulha de ser infiel; a vida de fé numa sociedade sem referência aos valores religiosos; o otimismo e a esperança num mundo cheio de medos. É

também uma oportunidade para orientar a generosidade dos jovens, a sua sede de fraternidade, o seu desejo de realização pessoal, sua busca de Deus.

O confronto com a cultura pós-moderna é também um *desafio* porque os meios de comunicação prometem uma felicidade atraente mas falsa. Cabe a nós oferecer, sobretudo aos jovens, uma experiência pessoal e autêntica de Cristo e demonstrar com palavras e fatos que a vida consagrada favorece a plena realização da pessoa. É necessária uma nova atualização carismática, profética e credível; ao mesmo tempo requer-se um novo equilíbrio entre o carisma no seu frescor de renovação e nas suas expressões históricas.

Multiculturalidade

Vivemos num mundo que se torna sempre mais uma “aldeia planetária”: do individualismo cultural estamos passando ao encontro, não isento de resistências, de diversos mundos culturais. É um mundo caracterizado pela globalização, pela rapidez das mudanças, pela complexidade, fragmentariedade e secularização. O consagrado vê nisto tudo a ação do Espírito de Deus que nas mais diversas situações age onde quer, como quer e quando quer.

A multiculturalidade é uma *oportunidade* porque favorece a solidariedade, a acolhida das diversidades, experiências de voluntariado, a empatia com os pobres, o respeito ecológico, a busca da paz. Favorece também a internacionalização e a experiência de universalidade das comunidades de vida consagrada, como disponibilidade ao serviço onde for pedido. Favorece nas jovens gerações dinamismos de conhecimento, de acolhida e diálogo. Assim o carisma se enriquece.

A diversidade cultural é também um *desafio* porque é difícil para a maioria dos consagrados adultos entrar na experiência multicultural. Surge a necessidade de repensar a linguagem e a maneira de transmitir os valores entre mundos antropológicos distantes e estranhos. Formar para a fidelidade num mundo em contínua mudança e culturalmente pluridirecional e possibilitar uma vida de fé numa sociedade tendencialmente sem referência aos valores cristãos tornam árdua a tarefa formativa que deve ser aberta a experiências interculturais.

A riqueza e diversidade do humano possível hoje oferece grandes oportunidades de valorização, junto com novas tarefas formativas para a vida consagrada. Isto não torna vã a contribuição determinante da graça e do Espírito que agem justamente nos dinamismos psicológicos e antropológicos da pessoa. Por isso a formação cuidará de secundar o Espírito, justamente a partir dessas expressões do humano para levá-las à sua maturidade e plenitude.

FORMAR PARA A VIDA EM PLENITUDE PARA PREVENIR AS DESERÇÕES E REFORÇAR A FIDELIDADE

*José Rodríguez Carballo, OFM
Ministro geral OFM*

O fenômeno das deserções na vida consagrada continua a preocupar-nos, e com razão. Hoje em dia não podemos mais limitar-nos só aos dados, muitas vezes desoladores e constantes, ou às análises. Perguntamo-nos, porque sentimos a necessidade, como enfrentar esta situação, deixando que ela interrogue a qualidade da nossa vida de seguimento radical do Senhor e, portanto, da nossa formação. Deixamo-nos interrogar, porque reconhecemos que as deserções tocam muito de perto a nossa vida e a nossa missão de religiosos e consagrados.

As leituras que podemos fazer das deserções são diversas. Entre outras, podemos interpretar as deserções como o sintoma de um problema que reconhecemos e chamamos pelo nome, mas também como um convite a avaliar seriamente as escolhas em termos de valores e de pedagogia de nossos itinerários de formação permanente e inicial.

Com esta reflexão pretendo justamente oferecer, sem deter-me em demasiados exemplos concretos, algumas orientações para formar para uma vida em plenitude e, assim, o quanto possível, prevenir as deserções e reforçar a fidelidade. Não podendo ser de outra forma, considero como pressuposto que as indicações oferecidas se encarnem depois em opções concretas de animação na formação permanente e nas diversas etapas da formação inicial.

A respeito da formação permanente recorro, só a título de indicação, a importância do acompanhamento personalizado, que deve levar em conta as diversas fases da vida, com particular atenção aos primeiros anos após a profissão solene ou perpétua¹¹ e, portanto, depois da inserção nas comunidades locais e no ministério apostólico. Com referência à formação inicial destaco, porém, a importância de valorizar suas diversas etapas, visando principalmente a personalização do método e dos itinerários. Considero, além disso, importante uma clara opção pelo acompanhamento pessoal e pela dimensão *prática* da formação integral, assim como a necessidade de cuidar da qualidade dos estudos, enquanto recurso intelectual e espiritual, que ajudará a fidelidade vocacional no decorrer dos anos.

1. As deserções: um problema que merece mais atenção?

A disponibilidade para ler o fenômeno das deserções como sinal de um problema interno à vida consagrada hoje, não pode ser consequência de um nosso complexo de culpa, mas deve, antes, ser uma possibilidade de auto-formação através de situações delicadas e difíceis. Devemos, com efeito, reconhecer que a saída de um religioso da sua Ordem ou Instituto não é algo que deve ser considerado apenas em âmbito privado, mas deveria tocar muito em profundidade toda a comunidade.

Diante da saída de um dos nossos deveríamos perguntar-nos: por que um de nós, a um certo ponto, considera terminado um projeto de vida que, não só assumiu como seu no decurso dos anos, às vezes muitos anos, mas que muitas vezes viveu com muita generosidade? O que diz à nossa comunidade semelhante fato? Isto pode ajudar-nos a iluminar alguns aspectos para

¹¹ Cf. JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata* 1996, n. 71.

uma avaliação e um resgate? Geralmente entre nós se encerra o assunto das deserções como se fosse um problema exclusivo do indivíduo.

Esta perspectiva deve ser superada. Nenhum de nós é um ilha. Cada um está intimamente ligado aos outros. Numa visão antropológica genuinamente cristã a pessoa é capacidade de relação, mas também um ser em *relação*. O que acontece com cada indivíduo interessa, provoca e questiona o contexto em que se acha. É de dentro desta capacidade de relação que olhamos a pessoa como mistério, como «ser para o outro»¹². Vista assim a pessoa, não nos admiramos de que a dimensão pessoal e relacional estejam intimamente conexas, até o ponto de iluminar a mesma dimensão transcendente. De fato, como afirma Lévinas: «a dimensão do divino abre-se a partir do rosto humano»¹³. Esta perspectiva é também profeticamente atual num tempo de conflito e de afirmações unilaterais de identidade: «Na era futura – o terceiro milênio – o outro, e o seu rosto, deverá transformar-se no termo compreensivo de tudo, biblicamente é o próximo, e se desenvolverá em torno dele uma cultura de paz, começando a despontar, finalmente, o Evangelho»¹⁴.

À luz dessas considerações a minha convicção é que o fenômeno das deserções pode oferecer-nos elementos válidos para lermos com sabedoria, sem cairmos na emotividade do momento, alguns aspectos da vida consagrada de hoje, que, sem dúvida, continua a atravessar «um período delicado e fatigante... não isento de tensões e de turbulências» e do qual parece difícil avistar a outra margem, ainda que não seja desprovido «de esperanças, de tentativas e propostas inovadoras que procuram fortalecer a profissão dos conselhos evangélicos»¹⁵. Devemos aceitar permanecer numa situação como esta, sem a pretensão de encontrar soluções para fugir, porque é aqui que se esconde para nós a palavra que o Senhor nos manda para este tempo. Sem a ascese de semelhante permanência, encontramos apenas palavras parciais, de breve duração, sem a vitalidade do Espírito que anima e torna criativa a nossa inteligência e a nossa vontade¹⁶.

Desejamos ser plenamente conscientes deste tempo para a vida consagrada que «está vivendo dias nos quais o Espírito do Senhor gera uma nova realidade, difícil de se chamar pelo nome ... na vida consagrada de hoje é muito fácil mostrar o que não corresponde e faz sofrer muito, o que já não é pouco. mas é muito mais difícil identificar a verdadeira semente que produzirá sinais reais de vitalidade. Este último é um dever ineludível»¹⁷.

Não nos interrogamos, então, sobre o fenômeno das deserções com a ingênua pretensão de encontrar fáceis receitas para resolver o problema. Nós o fazemos, antes, para deixar-nos purificar e iluminar numa hora de grande provação para nós e, portanto, com confiança nas grandes possibilidades.

Nesta perspectiva proponho três possíveis âmbitos de problemas denunciados em relação ao fenômeno das deserções. O primeiro faz referência à questão das identidades da vida consagrada; o segundo à diferença entre as afirmações teóricas e a qualidade da nossa vida ordinária; o terceiro à fragilidade pessoal e institucional.

¹² Cf. BENTO XVI, *Deus caritas est*, 2005, n. 7.

¹³ LÉVINAS E, *Totalidad e Infinito*, p. 76.

¹⁴ MANCINI I., *Tornino i volti*, ed. Marietti, p. 69.

¹⁵ JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata*, 1996, n. 13.

¹⁶ Cf. TODISCO O., *Lo stupore della ragione. Il pensare francescano e la filosofia moderna*, Padova 2003, p. 132ss.

¹⁷ ARNAIZ J.M., «Discernere per iniziare una nuova tappa. Il Congresso mondiale della vita consecrata» em *Vita Consecrata* 2004/5, 454.

1.1 A identidade carismática da vida consagrada.

Não é este o lugar para refletir sobre a questão da identidade da vida consagrada. Limito-me apenas a recordar algumas questões centrais da identidade carismática da vida religiosa, hoje mais do que nunca urgentes. Estamos conscientes, com efeito, de que diante da evidente crise não bastam a teologia, a análise social e nem sequer a espiritualidade. Estamos, ao menos assim me parece, preocupados demais com conter a crise das nossas instituições *ad intra* e não tanto com alimentar a tensão própria do Espírito que nos impele para o futuro¹⁸, para ousar mais, a partir da escuta da palavra de Deus e da leitura dos sinais dos tempos¹⁹. A crise evidente, e as nossas preocupações, nos fazem entender que devemos dar um passo a mais, para não ficarmos prisioneiros de nossas análises e de nossas defesas. Recebemos a identidade carismática como um dom sempre novo do Espírito de Deus, que age na vida de cada um, na história da Igreja, do mundo e da nossa comunidade. Um dom que deve ser pedido a Deus, dispondo-se a recebê-lo. A identidade da nossa forma de vida não é tanto um dado estático que devemos defender, mas antes um evento sempre novo que nunca possuímos totalmente.

A escuta e o conhecimento de muitos casos de saída, como a frágil pertença de alguns que permanecem a contragosto, podem ajudar-nos a avaliar a crise de identidade, que não está ligada somente a um fato intelectual ou de confusão sobre a *ortodoxia* da vida consagrada, mas ao esforço de dirigir a identidade carismática dentro da abertura constante ao Espírito, que age na nossa história. Para alguns de nós num determinado momento as perguntas *quem sou? quem somos?* tornam-se inconsistentes e incapazes de sustentar as exigências do seguimento de Cristo na vida consagrada. Junto com a *ortodoxia* fica então comprometida também – e eu diria sobretudo – a *ortopraxis*²⁰, no sentido de um significado vital e capaz de motivar uma escolha radical e definitiva em tempos de fragmentação, em tempos brevíssimos e sempre precários.

1.2 O abismo entre teoria e prática

Um dos sinais da crise de identidade, que toca diretamente sobretudo a formação permanente, é o abismo enorme entre o esforço teórico (teologia, documentos oficiais, caminhos de refundação ...), a verdade prática do nosso seguimento de Jesus, e a criatividade concreta das formas de vida que respondem ao nosso tempo.

É verdade que é difícil pedir a inteiros grupos sociais, como os Institutos religiosos, que permaneçam à altura do seguimento de Jesus. É necessário, sem dúvida, trabalhar as motivações e os estímulos de cada um, dos pequenos grupos, para que possam recomeçar do centro da nossa opção de vida, que é o Evangelho, nossa regra suprema e inspiração de vida, para permanecer no presente, partindo do futuro e não do passado²¹.

Este abismo transforma-se em algo de particularmente problemático no fim da formação inicial, muitas vezes realizada em ambientes muito “protegidos”, quando se passa à vida e aos trabalhos ordinários das comunidades locais. É freqüente não encontrar-se o tipo de vida visado pela formação inicial. Parece particularmente difícil recuperar o impulso e o entusiasmo de homens e mulheres apaixonados por Cristo e pelo homem, contentes com viver hoje, e não ontem, a própria vocação, dotados de um profundo senso eclesial para responder a uma vocação que não lhes pertence, como algo de privado, porque é um dom e um sinal para o bem de todos. Limites pessoais e comunitários, infidelidade ou falta de resposta vocacional, medos e

¹⁸ JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata*, 1996, n. 110.

¹⁹ Cf. GARRIDO J. *Identidad carismática de la vida religiosa*, Frontera Hegian 43, Vitoria/Gasteiz 2003, 9-17.

²⁰ Cf. BINI G., *L'Ordine oggi. Riflessioni e prospettive*, Roma 2000, III, 1,27-28.

²¹ Cf. JOÃO PAULO II, *Novo Millennio Ineunte* 2001, n. 3.

fechamentos em si mesmos correm o risco de aumentar o abismo mencionado e de enfraquecer a nossa significatividade hoje²².

Este abismo enfraquece ulteriormente as escolhas, já de per si frágeis, sobretudo do ponto de vista da maturidade humana e das escolhas de fé. Com frequência esse enfraquecimento é silencioso e se manifesta somente quando as decisões já foram tomadas e apenas ... comunicadas aos responsáveis! Não será também esta uma conseqüência de ambientes fraternos nos quais a comunicação é demasiado fraca e funcional, nem sempre capaz de atingir e provocar os afetos? Realmente, como recorda a Instrução *A vida fraterna em comunidade*, «A falta e a pobreza de comunicação costuma gerar o enfraquecimento da fraternidade, pelo não conhecimento do que o outro está vivendo, tornando estranho o confrade e anônima a relação, além de criar verdadeiras situações de isolamento e de solidão. ... O problema deve ser enfrentado explicitamente: com tato e atenção, sem forçar de modo algum; mas também com coragem e criatividade, buscando formas e instrumentos que possam permitir a todos aprender progressivamente a partilhar, em simplicidade e fraternidade, os dons do Espírito para que se tornem realmente de todos e sirvam para a edificação de todos (cfr. *1Cor 12,7*)»²³.

1.3 Fragilidade pessoal e institucional

Sobretudo no mundo ocidental, mas pelo que conheço não somente nele, é inegável que a vida consagrada vive um momento de fraqueza institucional e pessoal, ligado a múltiplos fatores, entre os quais o irreprimível envelhecimento, a falta de novas vocações, o problema de deixar ou renovar estruturas e obras, etc.

Estas e outras situações não nos permitem realizar aquilo que com tanta maestria colocamos por escrito em nossos documentos oficiais: uma qualidade aceitável de vida de fé, de fraternidade, de missão, e a união entre o que dizemos e o que fazemos. Sofremos também, com tudo isto de uma *crise de verdade*. Sem dúvida a altura dos princípios proclamados e das nossas instituições motiva e sustenta vocações que, depois, nem sempre encontram a possibilidade de viver segundo aquelas exigências. E de novo deparamos com uma fragilidade pessoal, que faz fracassar as escolhas, muitas vezes desprovidas de um contexto comunitário capaz de sustentá-las. Se outrora era possível formar personalidades autônomas e fortes, capazes de enfrentar qualquer dificuldade, hoje devemos reconhecer a necessidade de formar para viver, não como navegadores solitários, mas como pessoas capazes de entrar em relação, de partilhar e colaborar com os outros, e também de comprometer-se pessoalmente no relacionamento e no trabalho. É um passo importante este que acabamos de indicar, mas que reconhecemos ainda incompleto e portanto como motivo de dificuldade na perseverança vocacional e na qualidade de vida dos que ficam.

Uma conseqüência da fragilidade institucional é também a de comunicar muita insegurança em relação ao futuro das nossas comunidades e da própria vida consagrada. Devemos ver com clareza que, enquanto toda a formação é um laboratório no qual antecipamos o futuro, somos também chamados a propor não um projeto de vida em contínua discussão e reelaboração, mas uma forma de vida clara e vital, seguida de um contínuo processo de crescimento, que apresenta uma visão do futuro, sobretudo nos anos da formação inicial²⁴.

Desta forma o colocar em relação o fenômeno das deserções com algumas situações de mal-estar no interior da vida consagrada – mas poder-se-iam enumerar muitas outras – longe

²² Cf. «Congresso internazionale della Vita Consagrada. Documento di lavoro», 45-51, em *Passione per Cristo, passione per l'umanità*, Milano 2005, 38-40.

²³ CIVCSVA, *La vita fraterna in comunità* 1994, n. 32; cf. PAULO VI, *Evangelica testificatio*, 1971, 39-40.

²⁴ Cf. LESPINAY G., *Être formateur aujourd'hui. La formation à la vie religieuse*, Montreal 2002, 157-158.

de fechar-nos em nós mesmos, deveria levar-nos a uma leitura autêntica e humilde de nós mesmos, da nossa vida e missão. Tempos de crise como o nosso, são tempos nos quais a ação de Deus, do seu Espírito, se faz mais forte, justamente porque é mais invisível, fraca e escondida em relação ao mundo. São estes os tempos em que o primado da Sua salvação pode brilhar com mais força e em que a exigência do primado do crer sobre o agir pode transformar-se em algo de ainda mais determinante! As nossas próprias fragilidades podem ser, paradoxalmente, algo de grande auxílio e de orientação na relativização do que não é essencial, para olharmos com decisão mais para a frente. Assim como afirmou claramente a Instrução *Recomeçar a partir de Cristo*: «As dificuldades e as interrogações que a vida consagrada vive hoje, podem introduzir num novo *kairós*, um tempo de graça. Nelas se esconde um autêntico apelo do Espírito Santo para redescobrir as riquezas e as potencialidades desta forma de vida»²⁵.

2. As escolhas dos itinerários da formação permanente e inicial

A segunda parte da minha reflexão vai na linha daquilo que acabo de mencionar: um auxílio para olharmos mais para a frente. Justamente por isso não pretendo apresentar o meio pelo qual se possam *prevenir* as deserções ou as pertenças frágeis e sem motivações, porque considero inútil tal pretensão, já que tanto umas como as outras sempre haverá. A minha pergunta, porém, é: o que precisam os nossos itinerários de formação inicial e permanente, para garantir uma fidelidade dinâmica e criativa, capaz de responder ao chamado próprio da vida consagrada em tempos como os nossos, assumindo com fé e lucidez os desafios?

Para comodidade, parto do tríplice nível de maturidade: humana, cristã e vocacional, que deve ser levado muito em consideração em cada proposta formativa. Uma distinção mais didática que real. No sujeito concreto, de fato, encontramos essas três dimensões sempre ligadas entre elas, quase “confundidas” uma com a outra. Já no documento *Potissimum Institutioni* se afirmava que «a formação integral da pessoa comporta uma dimensão física, moral, intelectual e espiritual»²⁶. Olhamos, portanto a pessoa em caminho para a plena maturidade, incluindo o nível humano, cristão e vocacional²⁷.

Quando falo de maturidade humana, porém, mais do que considerá-la como uma meta final, vejo-a como uma contínua sucessão de etapas de crescimento, que comportam um trabalho de orientação e complemento progressivo na passagem de uma fase à outra, também através da integração das situações críticas, que a pessoa enfrenta habitualmente na própria vida.

A teologia e a ciência da educação, partindo de um fecundo diálogo entre elas, podem ajudar de maneira nova a integrar este único caminho de *formação para a maturidade*. Um caminho que precisa, na dimensão prática, da projeção de um itinerário de crescimento e maturidade humano-cristã, que ajude as pessoas consagradas a confrontar as escolhas operativas conscientes com os objetivos e os conteúdos professados. Ressalto aqui a importância do instrumento do *projeto de vida pessoal e comunitária* ou *fraterna*, entendido dinamicamente como auxílio para um tal caminho de *formação para a maturidade*.

Deste ponto de vista, em cada idade e em cada experiência de vida, também o religioso se encontra num estado de *caminho para a maturidade* justamente porque «a própria vida segue um desenrolar constante e progressivo. Ela nunca pára. O religioso não é chamado e consagrado uma vez só. O chamado de Deus e a sua consagração continuam ao longo da vida

²⁵ CIVCSVA, *Ripartire da Cristo*, 2002, n. 13.

²⁶ CIVCSVA, *Potissimum Institutioni*, 1990, n. 34.

²⁷ Para o que segue cf. CREA G., *Gli altri e la formazione di sé*, Bologna 2005.

toda, numa capacidade permanente de crescimento e de aprofundamento que vai além de toda a nossa compreensão »²⁸.

Assim entendida, a maturidade varia com a variação da idade, da estrutura psíquica da pessoa e também de acordo com as culturas. Ela permanece como uma meta que cada qual atinge no tempo e no espaço da própria vida, entendida como tarefa a realizar em cada etapa da evolução de sua existência, «um modo específico de ser, de servir e de amar»²⁹.

É importante reafirmar a necessidade de desenvolver os componentes dinâmicos do crescimento num *contexto comunitário e fraterno adequado*, para que a fraternidade em que vivemos se transforme num «ambiente natural do processo de crescimento de todos, onde cada um se torna corresponsável pelo crescimento do outro»³⁰.

Nesta visão dinâmica da *formação para a maturidade humana* podemos encontrar um caminho para reler os nossos itinerários formativos e consolidá-los, principalmente para favorecer a mudança de mentalidade, de uma visão estática da fidelidade a uma visão criativa e dinâmica.

2.1 O núcleo da maturidade humana

A meu ver, os itinerários de formação inicial e permanente devem qualificar-se melhor para poderem assim acompanhar uma *formação para a maturidade humana* sobretudo em três âmbitos: a afetividade e as relações, o hábito de um trabalho constante e criativo e elaboração das frustrações.

O mundo da afetividade e das relações deve ser sem dúvida cultivado de modo particular, através de uma clara escolha de *formação interpessoal*. Não formamos indivíduos auto-suficientes, mas pessoas capazes de estar em relações e de crescer no interior delas. Neste âmbito será importante habituar-se ao método autobiográfico: a releitura da própria história de maneira nova abre as partes obscuras de nós mesmos a novos caminhos de crescimento e permite reconhecer na própria vida os sinais da presença do Senhor e do seu chamado. A releitura da própria vida conduz também a um *aprendizado autobiográfico*. A experiência, que o indivíduo teve ou se construiu, transforma-se num “livro”, com o qual ele se enriquece, acrescentando-lhe continuamente novas páginas³¹. Será possível reconhecer então os sinais bons e os de crise, os sintomas dos momentos difíceis e os dons que se deve fazer frutificar.

Muitas vezes a incapacidade de um tal aprendizado *da e para a vida* gera as crises que vêm da descoberta das partes inexploradas de si mesmo. Estas provocam medo e incapacidade de ler juntos os eventos e as situações do passado em perspectiva do futuro. Muitas vezes também as crises de perseverança vocacional são causadas por estas situações, nas quais as pessoas se bloqueiam e não conseguem manter unidas as diversas dimensões da própria história e da própria realidade profunda. O caminho da saída aparece então como o mais fácil.

O hábito de um trabalho constante e criativo parece-me um capítulo muito importante na formação para a maturidade. A pessoa se exprime a si mesma através da obra de suas mãos, da sua inteligência e vontade. O trabalho, também manual e não só intelectual, plasma a pessoa, revela-a e ajuda-a a amadurecer. Permite-lhe permanecer com os pés no chão e

²⁸ CIVCSVA, *La vita religiosa nell'insegnamento della Chiesa. I suoi elementi essenziali negli Istituti dediti alle opere di apostolato*, 1983, n. 44.

²⁹ JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata*, 1996, n. 70.

³⁰ CIVCSVA, *La vita fraterna in comunità* 1994, n. 43.

³¹ Cf. DEMETRIO D., *Manuale di educazione degli adulti*, Bari 2003, p. 8.

amadurece a capacidade de ficar em contato com a realidade. Permite-lhe também conhecer melhor os próprios limites, enfrentar e superar as dificuldades e os imprevistos, educar para o senso de responsabilidade e de partilha do próprio trabalho com os outros, formar para a perseverança cotidiana, freqüentemente escondida e pobre de gratificações. Provavelmente os nossos itinerários não levam suficientemente em conta esta dimensão, que, junto com as outras, pode ajudar a pessoa a crescer de modo mais harmonioso, também para encarar os obstáculos que se apresentam nas diversas etapas do crescimento. Já Paulo VI recordava como «um aspecto essencial da vossa pobreza será, pois, o de testemunhar o sentido humano do trabalho, desenvolvido em liberdade de espírito e restituído à sua natureza de meio de sustento e de serviço»³².

A elaboração das frustrações é outro aspecto muito importante. Desde a infância a vida reserva para cada um experiências de limite que nos questionam, prejudicam a imagem pessoal e social que temos de nós mesmos, impedem de ter tudo o que desejamos e como o desejamos, etc. Se as frustrações não são reconhecidas, chamadas pelo nome, encaradas e reelaboradas, transformam-se em verdadeiro veneno, que não permite à pessoa enfrentar as passagens específicas dos diversos ciclos da vida.

As experiências de frustração são muitas também no decurso da vida consagrada. Basta pensar no âmbito da vida fraterna, em comunidade, e dos diversos ministérios. Uma elaboração insuficiente ou inexistente das frustrações está sem dúvida na base de muitas crises e de muitas deserções, sobretudo depois dos primeiros anos de atividade apostólica.

Neste contexto creio que seja importante que a formação, desde os primeiros anos, seja exigente – o que não significa rígida – de modo que haja uma progressiva integração entre a exigência evangélica da radicalidade e o respeito à liberdade originária da pessoa. Deve ser também experiencial, quer dizer, conseguir, progressivamente, traduzir em vida o que se aprende. Por outro lado deve realizar-se num clima de responsabilidade e de liberdade, conscientes de que o indivíduo é realmente livre só se assume a responsabilidade de levar adiante o próprio projeto vocacional como pessoa e, no nosso caso, como consagrado. A experiência nos diz que uma formação preocupada demais com que o candidato “se sinta bem”, uma “formação numa redoma”, ou uma formação “fechada” demais não ajuda a enfrentar as dificuldades próprias de cada caminho humano, cristão e religioso.

2.2 O núcleo da maturidade cristã

A centralidade da experiência de fé, entendida como encontro pessoal com o Senhor, e da amizade viva com Ele, é essencial para a vida consagrada. É um degrau que nunca pode ser saltado ou um aspecto que jamais pode ser ignorado. Em tempos, como os nossos, de escassa transmissão da fé em família e na comunidade cristã, deve-se prestar muita atenção a uma verdadeira e autêntica iniciação cristã. O fenômeno das assim chamadas “conversões”, que chegam em tempos relativamente breves à vida consagrada, aumenta a exigência de um crescimento mais orgânico na vida de fé, especialmente em relação à dimensão eclesial.

Da experiência de fé recordo aqui os pilares que considero fundamentais: a escuta obediente da palavra de Deus contida na Escritura, na vida e nos outros; a vida sacramental, sobretudo a Eucaristia, celebrada, adorada, vivida, e a Reconciliação, como instrumento privilegiado para o encontro profundo consigo mesmo e com o amor salvífico de Deus. Diante da volta de um certo “devocionalismo” parcial, que tende a isolar os conteúdos da fé cristã de suas grandes referências, é necessário formar para uma experiência integral da fé, ancorada nos fundamentos e vivida no contexto da Igreja e em comunhão afetiva e efetiva

³² PAULO VI, *Evangelica Testificatio*, 1971, n. 20.

com ela, para que a Igreja seja o lugar no qual a fé é testemunhada, anunciada e recebida; o lugar onde amadurece e cresce.

Se os motivos das deserções ou das pertenças frágeis muitas vezes podem ser atribuídos a motivações ligadas à dimensão afetiva e relacional, não podemos negar que a escassa interiorização de uma autêntica experiência de fé, sobretudo no nível pessoal, influa com força – penso que se pode dizer decididamente – na opção de muitos de abandonar a vida religiosa. É como se a muitos, ao sobrevirem as diversas dificuldades da vida, que necessariamente devem ser enfrentadas, faltasse a terra debaixo dos pés. Desaba tudo. A fé, porém, sustenta e motiva o permanecer fiéis à resposta dada ao chamado divino, permitindo à nossa dimensão humana desenvolver-se melhor, conforme o desígnio e o projeto de Deus escrito em nossa história.

À maturidade da fé pertence também uma importante consciência missionária, que deve ser aprofundada e alimentada ao longo de todo o processo formativo até assumi-la realmente, para evitar o risco de uma vida consagrada por demais limitada pelas necessidades e expectativas do indivíduo. Como recordava Paulo VI: «Os religiosos, por sua vez, encontram na vida consagrada um meio privilegiado para uma evangelização eficaz. Com a própria natureza íntima de seu ser colocam-se no dinamismo da Igreja, sedenta do Absoluto de Deus, chamada à santidade. Desta santidade eles são testemunhas. Encarnam a Igreja enquanto desejosa de abandonar-se ao radicalismo das bem-aveneturanças. Com sua vida são o sinal da total disponibilidade para Deus, para a Igreja, para os irmãos. Nisto eles se revestem de uma importância especial no contexto de um testemunho que, como dissemos, é primordial na evangelização»³³. Na formação esta dimensão não pode ser descuidada ou reduzida a “experimentos”. Com frequência uma maturidade insuficiente deste aspecto pode conduzir a profundas e preocupantes crises no religioso, jovem e adulto, no momento em que deve confrontar-se com a complexidade do mundo atual, no qual é chamado a encarnar a ação pastoral da Igreja e a sua contribuição específica.

Esta dimensão missionária nos ajudará a nós consagrados a viver uma transformação gradual que nos permita manter um «vigilante senso crítico mas também de confiante atenção»³⁴ para os problemas do mundo contemporâneo, de modo a converter-nos em interlocutores idôneos da cultura atual e capazes de um diálogo fecundo com ela. Sem este aprendizado muitas crises não poderão ser evitadas. Para este diálogo considero porém fundamental, como já disse antes, uma adequada formação intelectual para as exigências de hoje, que ajude os religiosos, mormente os mais jovens, a dar razão da própria escolha vocacional e a pôr o Evangelho no coração da cultura atual.

2.3 O núcleo da maturidade vocacional

Já recordei antes a necessidade de cultivar uma visão dinâmica da identidade carismática da vida consagrada para sustentar uma fidelidade criativa. A perspectiva de uma *formação para a maturidade* tem ulteriormente confirmado esta visão. Com estas premissas é possível afirmar que uma formação integral, que respire num horizonte amplo, ajuda a acompanhar os consagrados rumo a um projeto de vida aberto ao futuro e capaz de sustentar e alimentar a fidelidade.

Neste contexto menciono três pontos que, na minha opinião, são de particular importância: educar para a estabilidade e para a mudança; oferecer perspectivas de futuro e alimentar a esperança; situar a vida consagrada no mundo e na história.

³³ PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, 1974, n. 69.

³⁴ JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata*, 1996, 98.

Educar para a estabilidade e para a mudança pode parecer uma contradição. Penso no fato de que, vivendo em tempos de mudanças rápidas e contínuas, e assumindo uma visão dinâmica da pessoa nas diversas etapas da vida, poderíamos na formação correr o risco de transmitir como normal o fato de que no decurso da caminhada se possa “mudar de hábito” ou de opção, quando isto agrada a alguém ou as coisas não são mais como se havia previsto. Esta mudança faria parte de uma vida que deseja ser autêntica. Provavelmente esta mentalidade influi mais do que nós mesmos pensamos. A alternativa não é, sem dúvida, a de educar as pessoas para serem “impenetráveis e indestrutíveis”, mas antes a de educá-las para que sejam capazes de permanecer sólidas e firmemente estáveis no essencial, enquanto, ao mesmo tempo, estão num contínuo caminho de desenvolvimento e de crescimento.

A maturidade humana e vocacional não é um estado fixo que se atinge uma vez para sempre, mas um equilíbrio dinâmico de todos os componentes da pessoa, que a mantém sã psiquicamente e moralmente criativa nas suas opções, aberta ao crescimento e também à mudança, todas as vezes que isto é exigido pela realidade em que nos movemos e pelas metas que nos propomos. Sustentar uma caminhada como esta ajudará todos a enfrentar as crises de estabilidade e as fases de mudança de maneira mais criativa. O documento *Potissimum Institutioni* o recordava com clareza: «A formação contínua ajuda o religioso a integrar a criatividade na fidelidade, porque a vocação cristã e religiosa requer um crescimento dinâmico e uma fidelidade nas circunstâncias concretas da existência. Isto exige uma formação espiritual interiormente unificante, mas dúctil e atenta aos acontecimentos cotidianos da vida pessoal e do mundo»³⁵.

Oferecer perspectivas de futuro e alimentar a esperança: programa exigente nestes tempos, nos quais parece mais fácil fechar-se em si mesmos, e ter esperança equivale às vezes a um suicídio! A formação para a vida consagrada nas suas distintas etapas, se por um lado não pode esconder as dificuldades diante das quais se encontra, nem tampoco a situação conjuntural que está atravessando, por outro não pode transmitir o sentimento negativo de uma tendência a ler tudo de modo unilateralmente problemático, fruto de uma falta de motivação e de um estado de desconfiança³⁶. Fazer uma tal leitura nos levaria inevitavelmente a nós, jovens e adultos, a perder o senso do possível futuro da vida consagrada e também da esperança como ideal – palavra hoje fora de moda – pelo qual vale a pena viver e também resistir na provação. Também quando não sabemos o como e o *quando*, sabemos que é o Espírito que nos impele para o futuro³⁷ e que, portanto, há motivo para continuar a olhar para frente, há motivo para continuar a “avançar para águas mais profundas”.

Uma vida consagrada bem situada no mundo e na história, que aceita permanecer não à margem mas dentro da história, sobretudo nos “claustros abandonados”, nos permite encontrar um novo modo de viver a espiritualidade da nossa vida³⁸. A sua proposta se transforma assim em algo de mais evangelicamente atraente, sendo também mais sólida a motivação para ficar aí. Com efeito, uma vida consagrada vivida em forma paralela às grandes questões e desafios do homem de hoje seria uma “cisterna rachada”, um poço do qual não se pode tirar aquilo que dá sentido à vida de fé, da qual hoje existe tanta sede.

Formar para a vida consagrada hoje não pode significar senão educar para permanecer entre os homens e mulheres de nosso tempo, interessado por tudo o que é humano, marcando a diferença evangélica do Evangelo da Cruz em relação à mundanidade justamente através da partilha e da compaixão. Penso em particular na importância do tema e da prática do diálogo

³⁵ CIVCSVA, *Potissimum Institutioni*, 1990, n. 67.

³⁶ Cf CIVCSVA, *Ripartire da Cristo*, 2002, n. 12.

³⁷ Cf JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata*, 1996, 110.

³⁸ Cf. MACCISE C., *Non ai margini ma dentro la storia*, em *Testimoni* 9/2004, 8.

no atual momento histórico. Como religiosos não podemos sentir-nos isentos desta tarefa. Só uma tal abertura permite que a vida religiosa seja menos concentrada sobre si mesma e sobre seus problemas, e mais “dis-traída” do outro³⁹.

Diante da tentação de viver uma vida consagrada voltada para si mesma, longe do mundo cotidiano das pessoas, procurando alhures a plenitude de relações e de vida que aqui pareceria faltar, devemos formar para uma vida consagrada alimentada por uma espiritualidade encarnada, capaz de confessar diante do mundo, com uma vida alternativa e graças à prática generosa dos conselhos evangélicos, que o encontro com Jesus Cristo nos torna mais humanos.

Conclusão

A partir do que foi dito, e simplesmente à maneira de síntese, desejo apresentar algumas convicções que considero importantes para formar para a vida em plenitude e, deste modo, prevenir, enquanto possível, as deserções.

- O fenômeno das deserções deve ajudar todas as Ordens e Institutos e, em particular, as fraternidades ou comunidades locais a refletir, com serenidade e seriedade. Esta reflexão poderia girar em torno de duas perguntas fundamentais: por que um irmão vai-se embora? Por que nós ficamos e como vivemos o seguimento de Cristo nós que ficamos?
- Esta reflexão deveria ajudar-nos a discernir os meios que encurtam o mais possível a distância existente entre o que propomos como ideal e o que realmente vivemos.
- Neste contexto considero fundamental dar a prioridade à formação permanente enquanto *humus* da formação inicial. Forma-se ou deforma-se por “contato”. Daí a necessidade de que toda a fraternidade ou comunidade tome consciência de ser formadora e faça tudo o que está no seu alcance para sê-lo. Isto não será possível sem uma opção clara e concreta em favor da formação permanente.
- Cuidar que a formação inicial e permanente – esta última sobretudo nos primeiros anos após a profissão solene/perpétua ou a ordenação sacerdotal – se realize num clima de responsabilidade e de liberdade, num clima de familiaridade, no qual seja possível ter uma comunicação profunda em nível de atividade, de pensamento e de sentimentos.
- A formação inicial e permanente deve ajudar os consagrados a ser pessoas em relação, capazes de prestar colaboração, capazes de partilhar.
- A formação, inicial e contínua, não pode nunca esquecer alguns princípios fundamentais: deve ser integral, personalizada, permanente, progressiva, gradual e acompanhada. Respeitando estes princípios, a formação deve favorecer a paixão por Cristo e pela humanidade. Tudo isto ajudará, sem dúvida, a procurar a plenitude da vida e a manter a fidelidade.

Eu quis apenas oferecer alguns pensamentos para refletirmos e avaliarmos as propostas de formação inicial e permanente. Trata-se de um esboço para dar início a um confronto e um diálogo que poderá ulteriormente ajudar-nos a esclarecer como viver hoje de maneira criativa e não somente passiva, quase como vítimas, o fenômeno das deserções que nos inquietam, mas também a interrogar-nos, levando-nos a encontrar um ulterior estímulo para permanecermos fiéis ao dom recebido.

³⁹ Cf. CIARDI F., *Ruolo della Vita consecrata in Europa oggi come ieri* em *Testimoni* 11/2004, 26-27.

Só se assumimos com renovado vigor a proposta de uma vida consagrada verdadeiramente evangélica e profética para o nosso tempo, poderemos dar motivo aos nossos irmãos, e a nós mesmos, de continuar a viver hoje o seguimento do Senhor através de uma vida obediente, pobre e casta.

A pessoa continua a ser um mistério e certamente jamais poderemos encontrar uma fórmula infalível para evitar as crises e as decisões dolorosas; poderemos, porém, sempre acompanhar para um itinerário de verdade e de liberdade, para que o seguimento do Senhor Jesus não se reduza a um verniz externo e estranho à nossa vida mais profunda, mas continue a ser o principal motivo, a razão última, da nossa esperança, pela qual podemos repetir com confiança e amor: «Sei em quem acreditei » (2Tm 1,12).

Conclusões do trabalho em grupo

Francesco Bravi, OFM

1. Introdução

O segundo objetivo deste encontro da União dos Superiores Gerais era o de individuar alguns processos e intervenções que se devem ativar para favorecer a iniciação à fidelidade vocacional, no tocante à formação inicial, e uma fidelidade creitiva e dinâmica para a formação permanente. A fidelidade vocacional se coloca quando já foi feita a escolha definitiva da Vida Consagrada e portanto diz respeito à vida adulta, mas precisa também ser favorecida desde os primeiros momentos do processo formativo. Nesta perspectiva, a presente síntese, levando em conta a grande riqueza do trabalho dos grupos e o confronto no plenário, quer oferecer as linhas que emergiram da discussão, linhas que possam ser úteis para continuar a reflexão e a avaliação em nossos diversos Institutos, junto com todas as outras contribuições deste encontro.

2. Reflexões e atenções partilhadas

A apresentação das diversas contribuições dos grupos de trabalho evidenciou uma convergência em algumas reflexões e algumas atenções que cada Instituto é chamado a fazer e a prestar para elaborar itinerários formativos (tanto na formação inicial como na permanente) que sejam um verdadeiro apoio para uma vida consagrada fiel e apaixonadamente vivida.

Neste contexto foi-nos recordado como a questão da fidelidade deve-se colocar antes de tudo no âmbito da graça. É *pela graça* que fomos chamados a esta vida e é pela graça que nela perseveramos. Tudo isto nos abre à atitude fundamental da *ação de graças* pelo dom continuamente recebido; por outro lado, nos chama à responsabilidade, a de viver um dom de Deus.

No tocante à responsabilidade da nossa resposta, as reflexões evidenciaram algumas questões importantes. Toda a formação deve ser vivida ***no horizonte da formação permanente***: é mister formar para a convicção e para a capacidade de formar-se continuamente. Neste sentido deve-se olhar a ligação profunda e a recíproca remissão, entre formação inicial e permanente na progressão e gradualidade das etapas, embora respeitando suas diferenças. A formação é assim concebida como um itinerário de toda a vida, um *habitus* a assumir, quase um modo de ser do consagrado hoje. O processo formativo é uma caminhada contínua.

O acompanhamento é considerado o meio principal para personalizar a caminhada formativa. Acompanhamento que pressupõe a formação dos formadores, dos acompanhantes, capazes de caminhar ao lado e junto do irmão que se acompanha. É preciso também distinguir os diversos tipos de acompanhamento que se podem atuar: aquele próprio e específico do formador, o psicológico, o de tipo acadêmico e escolástico e outros ainda.

O formador é chamado a exercer o delicado múnus de intérprete do carisma para aquela determinada pessoa e a fazer com que o carisma se encarne na vida e na história concreta daquele que é acompanhado. Para uma preparação adequada e para um trabalho mais frutuoso, o formador deve abrir-se à colaboração com todos os formadores no interior do Instituto e também fora dele, aprendendo a trabalhar em equipe.

A formação tem necessidade de *estruturas e programas*. As metas e os perfis para cada etapa formativa devem ser claros e precisos e devem ser seriamente verificados. Antes ainda disto, porém, é necessário criar em nossos Institutos a *consciência da necessidade da formação*, o sentir a exigência profunda de estar permanentemente em formação.

A estrutura fundamental para a formação é a *comunidade local* e um papel importante assumem os meios ordinários da vida de todos os dias. É a vida ordinária da comunidade o lugar privilegiado para a formação inicial ou permanente; um lugar onde se torne possível uma séria partilha da fé e das próprias experiências e onde as relações sejam humanamente maduras para favorecer a verdadeira comunicação numa atmosfera de confiança e de abertura, redescobrimo a prática da correção fraterna. O *projeto de vida fraterna* pode tornar-se o instrumento que ajuda uma comunidade local a crescer em todas estas dimensões, contanto que seja realmente o instrumento para chegar a assumir uma verdadeira mentalidade projetual.

Tem importância fundamental a função de animação e de apoio do *superior* tanto em nível local como provincial e geral. Os superiores são aqueles que devem não só programar toda a caminhada formativa e verificá-la adequadamente, mas devem depois mantê-lo com escolhas adequadas de pessoas e de meios. Eles próprios têm necessidade de formação e apoio para viver este serviço e esta função. O papel de animação do superior deve ser integrado e vivido num trabalho de equipe e dentro da responsabilidade de todos para sentir-se interessados numa séria caminhada de formação permanente. A pessoa do consagrado permanece sempre a primeira responsável da própria formação. Uma das tarefas que hoje são consideradas importantes para o superior, em todos os níveis (local, provincial, geral), é a de dar voz e visibilidade à fidelidade; de falar mais da fidelidade que da infidelidade, de apresentar os exemplos positivos e de fidelidade que tantos confrades vivem com paixão e compromisso.

Formar para a vida consagrada, e formar-se nela continuamente, quer dizer também alimentar uma espiritualidade encarnada que favorece e promove a qualidade da *formação intelectual e do estudo*, como instrumentos para compreender o nosso mundo e, com isso, compreender sempre de modo novo a nossa própria vocação de consagrados.

O que o relator definiu como *o aprendizado autobiográfico*, na capacidade de continuamente expressar-se à luz da fé, é considerado o método formativo que pode ajudar a ir às profundezas e a abrir novos caminhos de crescimento, favorecendo a interiorização dos valores da vida consagrada.

3. Os níveis de maturidade

Na convicção de que na distinção apresentada de maturidade humana, cristã e vocacional, não se pode encerrar toda a caminhada de uma pessoa, e que de fato numa pessoa todas estas dimensões estão sempre ligadas entre si, quase confundidas umas com as outras, a reflexão e o confronto em grupo e na assembléia mostraram uma substancial concordância.

A maturidade de uma pessoa é um contínuo suceder-se de etapas de crescimento, que comportam um trabalho de orientação e de complementação progressiva na passagem de uma fase à outra, também através da integração das situações críticas, que a pessoa enfrenta habitualmente na própria vida. Nesta visão dinâmica da formação para a maturidade, os três núcleos da maturidade humana, cristã e vocacional, foram retomados e salientados diversamente pelos grupos de trabalho, tanto no caso da formação inicial como no caso da permanente.

Para o núcleo da *maturidade humana* ressalta-se a forte necessidade de cuidar de modo particular da afetividade e do mundo das relações. O conhecimento da própria personalidade é considerado importante instrumento de verdadeira e profunda comunhão com os confrades e premissa indispensável para um autêntico itinerário de fé. A aptidão para o trabalho manual permite manter o contato com a realidade da vida e avaliar-se a si mesmo, compartilhando a vida e a existência de tantas pessoas. A capacidade de elaborar as frustrações é tida como necessidade para um auto-retrato verdadeiro e real. Junto com estas indicações, emergiram dos grupos também outras atenções que se devem ter: a capacidade de confrontar-se seriamente com a vida num estilo sóbrio e laborioso; a importância de reconhecer, discernir e orientar os nossos desejos; a formação para a gestão positiva da própria solidão e a redescoberta do silêncio.

A centralidade da experiência da fé, entendida como encontro pessoal com o Senhor, e da viva e profunda amizade com Ele, é essencial para a vida consagrada: é este o critério importante para avaliar o grau de maturidade cristã em cada momento da vida de um consagrado. Para crescer nele é preciso uma verdadeira e profunda formação para a vida espiritual e acompanhantes preparados que ajudem os consagrados a viver e a projetar continuamente a própria vida no seguimento do Senhor Jesus. Os retiros, os exercícios espirituais, a direção espiritual são os instrumentos que podem favorecer esta caminhada. Todavia há necessidade de fazer uma integral experiência de fé radicada na Palavra, nos Sacramentos e na comunhão eclesial. À maturidade da fé pertence também uma importante consciência missionária, alimentada e sustentada em todo o processo formativo para evitar fechamentos e redobramentos, quer do indivíduo, quer das comunidades, sobre as próprias expectativas e desejos.

Quanto ao núcleo da *maturidade vocacional*, além dos pontos propostos pelo relator – educar para a estabilidade das escolhas na abertura constante à mudança, oferecer perspectivas de futuro alimentando a esperança e a capacidade de viver uma vida consagrada não paralela mas dentro da história e da vida dos homens – da discussão e do intercâmbio emergiram outras notas. Uma séria maturidade vocacional se mede por: uma formação para um sadio equilíbrio entre o trabalho e todas as outras dimensões da nossa vida; a capacidade de aprender a viver em comunidades internacionais onde convivem diversas culturas; o formar-se concretamente para o senso de pertença no planejamento comum e na partilha; atualizando e replanejando a missão do Instituto na escuta atenta da contribuição de todas as gerações; purificando continuamente as nossas intenções: o motivo pelo qual eu entrei não é necessariamente o motivo pelo qual permaneço agora no Instituto.

4. A formação permanente e a formação inicial

Na convicção de que a formação permanente e a formação inicial remetem uma à outra e são um todo único harmonioso e progressivo, com as suas diversidades e gradualidades, a discussão levou a evidenciar alguns aspectos que merecem particular atenção, além das coisas já mencionadas nos parágrafos precedentes.

Para a *formação permanente* foi evidenciada a importância da atenção às diversas etapas da vida e aos diversos ministérios que os confrades vivem, para que um programa possa realmente interessar e atingir profundidade. Neste contexto foi salientada a importância do cuidado dos confrades nos primeiros anos da profissão perpétua e da ordenação sacerdotal. Os momentos e os espaços da formação permanente são em primeiro lugar aqueles que a vida ordinária e cotidiana da comunidade e do Instituto oferece; mas são necessários também tempos e momentos fortes vividos em outros contextos não ordinários, como também a possibilidade de seguir programas fora da comunidade e do próprio Instituto.

Uma experiência pastoral avaliada e supervisionada pode tornar-se uma boa ocasião de formação permanente. É mister dinamizar as reuniões de comunidade para crescer numa verdadeira e profunda comunicação. A formação permanente deve levar a uma renovada missão pessoal e ao compromisso, também ele renovado, com a missão da própria comunidade e do Instituto. Uma verdadeira e séria formação permanente favorece e nutre a criatividade pessoal que, justamente porque verdadeira, favorece a construção da comunidade onde a comunicação não é só funcional mas profunda e a partilha é real. Para a formação permanente destaca-se a importância do múnus de animador do superior em todos os níveis, como aquele que anima e guia a caminhada de cada religioso e o sustenta com opções adequadas.

A respeito da *formação inicial*, foi salientada a importância da comunidade formativa e da sua composição; nela todos são formadores com a sua vida, sua presença e seu estilo e modo de viver o carisma do Instituto. Frisou-se a urgência da formação dos formadores para as diversas etapas da formação inicial na perspectiva da personalização.

O percurso formativo precisa ser mais personalizado; ele requer uma séria e aprofundada reflexão sobre as etapas e as metas que os nossos itinerários formativos propõem atualmente aos formandos. Neste contexto alguns propõem uma pausa na caminhada da formação com a inserção de experiências sérias e guiadas de trabalho ou de missão. A colaboração intercongregacional no campo da formação inicial é um desafio que se deve aceitar e uma oportunidade a ser levada seriamente em consideração e que pode abrir novos percursos.

A formação inicial deve fazer amadurecer a convicção profunda de que a formação não é para se alcançar uma etapa mas um dinamismo para a vida inteira. Atenção especial deve ser dada aos critérios de discernimento vocacional e aos das sucessivas passagens formativas (postulante, noviciado, profissão temporária, profissão perpétua). A colaboração com os animadores da pastoral vocacional deve ser contínua e o confronto deve favorecer um intercâmbio frutuoso na avaliação dos critérios de discernimento. Os próprios animadores da pastoral vocacional devem ser bem preparados e trabalhar em sintonia com os formadores das diversas etapas formativas. O processo de discernimento e de acompanhamento das vocações adultas deve ser conduzido com cuidado e atenção.

Uma verdadeira formação para a fé exige a progressiva capacidade de partilhar a própria experiência de vida; uma progressiva interiorização da fé e o viver a sua expressão exterior com equilíbrio, afastando todo falso intimismo e devocionalismo.

É mister prestar atenção à linha formativa que é proposta e utilizada nos centros de estudo filosófico-teológico onde estudam os professos temporários, especialmente quando não são do Instituto, para que não se crie uma real e não profícua contraposição com a linha formativa do Instituto.

Para a formação inicial considera-se importante a capacidade de elaboração das frustrações. Se estas não são reconhecidas, chamadas pelo nome, enfrentadas e reelaboradas, transformam-se em verdadeiro veneno, que não permite à pessoa enfrentar as passagens específicas dos diversos ciclos da vida, correndo assim o risco de construir uma personalidade humanamente e cristãmente imatura.

RATIO FORMATIONIS

Oblatos de Maria Imaculada

Paolo Archiati, OMI

A “Ratio formationis” do meu Instituto, em relação à formação inicial e permanente, que tipo de antropologia reflete?

Para responder a esta primeira pergunta, é preciso esclarecer de que tipo de antropologia queremos falar.

Se se trata de uma antropologia cultural, diria que é quase impossível responder a esta primeira pergunta, porque os jovens aos quais se destina o nosso trabalho formativo variam de tal modo de uma parte à outra do mundo, que não se saberia como falar de uma única antropologia. Somente dentro do continente asiático, por exemplo, acaso podemos dizer que os jovens da Índia, do Japão e das Filipinas comungam dos mesmos valores humanos e religiosos? Deste ponto de vista, a nossa *Ratio formationis* corre o risco de destinar-se a jovens que não existem, ou limitar-se simplesmente aos jovens do mundo do ocidente ou do hemisfério norte ou de uma outra parte do planeta.

Mas se falamos de uma antropologia geral ou universal, então poderíamos arriscar dar uma definição: não só poderíamos dizer, de um modo bastante genérico, que se trata de uma antropologia cristã, ou seja, fundada sobre valores cristãos inspirados no Evangelho, mas poderíamos falar também, aproximando-nos um pouco mais de nossa *Ratio formationis*, de uma antropologia comunitária centrada na pessoa dos nossos candidatos.

No entanto, é verdade que os jovens, para os quais estas normas foram escritas, mudam rapidamente, sobretudo em consequência das mudanças do mundo, que têm repercussões sempre mais velozes e notáveis na Igreja. Dentro no nosso Instituto, fazemos com que estas normas se adaptem aos diferentes contextos em que trabalhamos. Por este motivo, elas não entram em demasiados detalhes.

Estas considerações preliminares iluminam esta minha partilha a propósito da *Ratio formationis* na Congregação dos Oblatos de Maria Imaculada (OMI) e as reflexões que seguem. Cito, adaptando-o um pouco, o texto impresso de nossas normas gerais.

A nossa *Ratio formationis* (Normas Gerais da Formação Oblata) destina-se a jovens que fizeram uma primeira importante escolha em sua vida, uma escolha que tem múltiplas implicações: esta escolha consiste em colocar sua vida à disposição de Deus e de Jesus Cristo na consagração religiosa, na perspectiva missionária de empenhar-se pelos pobres.

Gostaria de destacar, no entanto, duas dimensões que caracterizam dois aspectos essenciais da formação no nosso Instituto.

A dimensão pessoal

A formação oblata é centrada na pessoa e respeita a experiência do vocacionado. Um de seus objetivos principais, sobretudo na fase inicial, consiste em ajudar o vocacionado a interiorizar a sua experiência pessoal, a conhecer-se em todas as dimensões do seu ser, tanto positivas como negativas, a assumir-se, a integrar e administrar principalmente as experiências que constituem um obstáculo ao seu progresso e ao seu amadurecimento progressivo.

O escopo da nossa formação é formar homens dotados de estabilidade interior e de maturidade: isto é, de homens capazes de integrar pessoalmente o conteúdo de seus estudos e da reflexão feita sobre a sua experiência. Todos os elementos da formação humana, intelectual e espiritual, estão ligados expressamente entre si para contribuir para a unificação da personalidade.

Cada pessoa, com seus valores culturais próprios, merece o maior respeito. A formação se baseia para nós no reconhecimento do verdadeiro valor de cada pessoa e de cada cultura; isto leva a pessoa a avaliar-se a si mesma de modo sadio assim como a sua cultura à luz do Evangelho, a abrir-se às riquezas dos outros – pessoas e culturas –, a tomar consciência da sua multiplicidade e variedade, e a reconhecer a sua importância em vista do seu compromisso missionário.

Cada geração tem a própria experiência. Uma geração mais anciã, por exemplo, descobrirá coisas que são já conhecidas para uma geração mais jovem: neste caso os formadores deverão abster-se de projetar a sua experiência, com as suas dificuldades particulares, sobre as novas gerações. Por outro lado, uma geração mais jovem poderá não sentir-se à vontade diante de tradições que lhe parecem superadas e distantes da vida real: aqui a formação deverá assumir a forma de um diálogo aberto e sincero para descobrir e discernir juntos, formadores e jovens em formação, os valores e os diferentes modos de vivê-los.

Um aspecto da formação humana que adquire hoje uma importância crescente, sobretudo em certas partes do mundo e que parece exigir um aprofundamento, é o aspecto da afetividade. Vivemos num mundo onde acontecem importantes mudanças e onde surgem, cada dia, novas tomadas de consciência no campo da afetividade humana e dos comportamentos sexuais; é por isso que durante a primeira formação, e talvez já durante o período que precede o primeiro compromisso na vida religiosa, os formadores são chamados a iniciar e a continuar um diálogo sobre a intimidade, a solidão, a amizade, etc., particularmente pelo fato de que estes campos têm um peso na vida comunitária e na formação para a vida no celibato.

No processo de desenvolvimento pessoal e comunitário encontram o seu lugar alguns preciosos instrumentos de trabalho, entre os quais eu citaria os métodos psicológicos: sem substituir os outros métodos, sempre necessários, podem dar uma contribuição notável ao crescimento e ao progresso dos nossos jovens, para aprender técnicas de avaliação para a pessoa mesma e para a comunidade à qual pertence.

A dimensão comunitária

Para nós a formação é também um processo comunitário. “A cada etapa – assim se exprime o nosso texto – é preciso ter o cuidado de olhar atentamente a fim de que permaneça viva a dimensão comunitária e eclesial da vocação. A insistência neste aspecto não diminui em nada o valor da pessoa; garante-lhe, ao contrário, o pleno desenvolvimento humano, social e espiritual”.

Um aspecto ao qual se deve prestar atenção, mormente em certas regiões do mundo, é que uma autêntica comunidade religiosa não é de modo algum um refúgio para personalidades fracas. O jovem que bate à nossa porta deverá aprender a ser plenamente ele mesmo, capaz de manter-se de pé, se quiser colaborar para a construção de uma verdadeira comunidade. Portanto, os membros em formação devem saber assumir suas responsabilidades pessoais; senão a comunidade não poderia exercer sua função formadora e as pessoas não seriam aptas para a vida e a missão do Instituto.

A comunidade local é a moldura na qual cada um é chamado a crescer, através do apoio recíproco, da partilha, da emulação e toda outra dinâmica da vida comun. A comunidade religiosa permite, de maneira própria, integrar a rede de relações em que se constrói cada vida humana: relações de família, de estudos, de apostolado, de tempo livre, etc. A comunidade de formação, situada ela mesma numa rede de comunicações com outras comunidades, prepara progressivamente os seus membros para tornar-se, após a formação inicial, homens ativos de comunidade e construtores de comunidade.

Estas afirmações exprimem quais são nossas convicções em matéria de formação e os pontos-chave de uma formação que quer ser integral e que compreende todas as dimensões da pessoa: física, moral, afetiva, intelectual. A dimensão espiritual da formação dos nossos candidatos não fica diminuída por causa desses aspectos, mas ao contrário, os pressupõe.

Segunda pergunta

Quais são os núcleos fundamentais quem regem a formação no meu Instituto e que ajuda, a reforçar a fidelidade dos seus membros?

Resposta

Limitarei minha resposta a três séries de valores que estão no coração da formação em nosso Instituto e que podem ser considerados como pilares sobre os quais ajudamos os jovens a construir o edifício de sua vida. É somente um esboço de resposta, apenas para orientar a reflexão e a partilha.

Uma primeira série de valores que se referem à pessoa humana, são os valores humanos fundamentais sem os quais a pessoa é gravemente deficiente na sua humanidade: ressaltaria aqui os valores da verdade (com todos os seus derivados como a sinceridade, a abertura, a franqueza, a honestidade, etc.) e o sentido do outro, que inclui a capacidade de estabelecer relações sadias e maduras com os outros (sem dominá-los e sem depender deles). Ligado a este valor situa o da justiça, da partilha, etc.

Uma segunda série de valores que tocam a espiritualidade da pessoa: a sua fé, a sua escolha de Deus e dos valores do Reino, o senso da Igreja e a consciência de trabalhar para a sua missão, etc.

Uma terceira série de valores que se prendem à sua pertença a um Instituto dentro da Igreja: a interiorização do carisma e dos seus valores, senso de pertença, desejo de assumir a missão do Instituto, abertura e fraternidade com os outros membros da família, capacidade de pensar, de partilha e de trabalhar juntos, etc.

RATIO FORMATIONIS

Missionários Combonianos

Girolamo Miante, MCCI

Nestes últimos anos, o Instituto Comboniano sentiu-se fortemente envolvido na reflexão e na avaliação da caminhada formativa dos jovens candidatos à vida missionária.

- A canonização de Comboni nos tem provocado e nos provoca a descobrir mais profundamente o dom que nos foi feito. Torna-nos capazes de assumir com coragem e criatividade os desafios de uma missão renovada para a vinda do Reino no mundo de hoje.
- A Missão está no centro da vida comboniana hoje: todos estamos envolvidos num itinerário de reflexão, de releitura da experiência vivida, para chegarmos juntos a exprimir a fidelidade à nossa vocação através daquilo que chamamos Ratio Missionis.
- Estão sucedendo mudanças sociológicas e culturais que têm um influxo profundo na realidade juvenil da pós-modernidade. Somos chamados a prestar uma atenção particular no quadro de uma nova geografia vocacional.
- Luzes e sombras se entrelaçam no contexto da realidade global da humanidade, na Igreja, no próprio Instituto Comboniano: são estímulos para termos um olhar penetrante e coração grande para enfrentar o terceiro milênio como tempo de graça e de novo impulso missionário.

Diante da complexidade dos desafios, algumas orientações têm guiado o itinerário formativo:

A dimensão que mais se destaca é a atenção à pessoa, entendida como personalização da caminhada formativa, exigência de interiorização dos valores propostos e de inculturação da formação. Redescobre-se o papel ativo, como de um protagonista, do formando.

O método que nos acompanha é o da integração, reconhecendo na pessoa a importância das diversas dimensões que constituem a sua riqueza e que devem crescer contemporaneamente em harmonia: espiritual, humana, psicológica e cultural.

A visão antropológica da qual se parte é a de uma pessoa livre, portanto capaz de determinar-se e de superar-se, mas ao mesmo tempo ferida por aquilo que a Escritura chama “pecado”. Existe, pois, uma tensão entre pecado e virtude. Mas não é só. Com efeito, é fácil reconhecer na experiência cotidiana a existência de uma tensão entre o que livremente escolho e procuro seguir e o que, não obstante, continuo a perceber como necessidade ou como atração, embora esteja em contradição com o ideal proclamado, como quando quereria amar na castidade, mas descubro que sou atraído por desejos possessivos, ou também simplesmente, pela necessidade de sentir-me amado, de receber atenção, de experimentar intimidade.

A existência de tal tensão não pode ser subestimada na sua importância durante a caminhada formativa. Esta não pode limitar-se a dar a conhecer e a explicar o ideal: deve oferecer ao candidato a possibilidade de entrar em contato com aquela tensão entre ideais e necessidades de que falamos e oferecer-lhe, possivelmente, meios para aprender a superar a tensão para o ideal. Neste sentido a finalidade do itinerário de crescimento humano e espiritual é a autotranscendência, a superação de si para abrir-se ao amor de Deus.

A Escritura, e em particular São Paulo (1Ts 5,23), descreve a pessoa humana como uma realidade complexa que inclui a dimensão corporal, a psíquica e a espiritual. O indivíduo, portanto, inclui corpo, alma e Espírito. Em cada uma dessas três dimensões – que não são separadas entre si – tem-se uma experiência particular da mencionada tensão.

É necessário que o formando obtenha uma luz acerca da tensão entre valores e necessidades e que aprenda, no âmbito de tal tensão, a fazer escolhas que o levem a superar a tensão no sentido da transcendência, em vez de eliminar momentaneamente tal tensão gratificando as próprias necessidades.

A estratégia proposta é a de focalizar a intervenção formativa nas várias etapas: durante o tempo do postulante, a ênfase é na maturidade humana: o objetivo é principalmente o de purificar as motivações e dispor melhor o indivíduo para a interiorização dos valores.

No noviciado, a ênfase está na maturidade cristã, uma forte experiência de Deus e durante o tempo dos estudos superiores/CIF (para os Irmãos), a ênfase é posta no amadurecimento missionário comboniano, na atenção à missão.

O enfoque ou acentuação de uma dimensão particular não deve ser interpretado de modo reduutivo; o princípio que nos guia é o da gradualidade e da continuidade num processo de crescimento contínuo.

A metodologia escolhida é a da iniciação. A formação é “fazer experiência” dos valores vividos, fazendo-os passar da esfera cognitiva à esfera afetivo-experiencial, envolvendo a totalidade da pessoa no processo de assimilação. O método pedagógico da iniciação é um modo eficaz para atingir o que nos propusemos. É uma dinâmica que permite a transmissão dos valores através de momentos, ritmos, iniciativas, instâncias, que ajudam a perceber e interiorizar, apreciar e experimentar, viver e verificar o que foi proposto.

Na avaliação do caminho percorrido existem, porém, dificuldades no combinar orientações e realidades. Com humildade e clareza, estamos bem conscientes de um conjunto de problemáticas abertas que denominamos “o calcanhar de Aquiles” do nosso itinerário formativo:

- Estamos conscientes de uma falta de “exigência” nas diversas etapas formativas.
- A interiorização dos valores não atinge o coração e a vida das pessoas.
- Estamos perante a dicotomia entre a linguagem e a vida.
- A gradualidade e a continuidade do itinerário formativo têm dificuldade para realizar-se e dar fruto.
- As próprias estruturas, e não só as materiais, as programações, as passagens de uma etapa à outra, devem ser repensadas para novas respostas ao hoje da nossa história.
- Formação e missão não exprimem unidade na vida das pessoas: sentimos a necessidade de um roteiro de conjunto, no qual o crescimento humano, cristão e comboniano encontre na missão o seu lugar “natural” para chegar a uma identidade clara e madura.
- Nós mesmos, formadores, sentimos a urgência de cuidar mais da nossa formação, para que a nossa vida seja o primeiro testemunho, expressão do dom de si, para os jovens a caminho.

A reflexão, hoje, continua para saber novamente combinar orientações e realidades para uma proposta formativa que responda aos desafios hodiernos.

Alguns núcleos fundamentais estão nos iluminando: são aquele essencial que concorre para reforçar a fidelidade:

* O primeiro pode-se resumir com estas palavras: a atenção à pessoa. Isto implica a interação entre a responsabilidade dos indivíduos e a oferta por parte do Instituto de instrumentos e formas de acompanhamento pessoal e comunitário.

* É seguido de um segundo núcleo essencial: a Missão. É o ponto de referência central para oferecer a todos um roteiro de radicalidade e de compromisso total, de dom de si e de fidelidade.

* A Missão e a atenção à pessoa encontram na assimilação e na vivência de alguns valores fundamentais, *sine qua non*, a maneira concreta de realizar a própria vocação missionária:

- assumir um *habitus de* vida espiritual caracterizado por uma disciplina cotidiana (vida sacramental e oração pessoal e comunitária);
- fidelidade e compromisso no viver os valores da consagração (para os Irmãos aprofunde-se o que se refere à consagração laical);
- viver um processo de contínua conversão;
- assimilação do itinerário formativo na responsabilidade e na transparência;
- capacidade de relação manifestada numa presença ativa e fiel na comunidade;
- colaboração e abertura à interculturalidade;
- senso de pertença à Família Comboniana (combonianidade);
- amor ao ministério, capacidade de serviço e paixão pela missão difícil (própria do ser comboniano);
- capacidade de fazer causa comum com os pobres.

Os valores vividos tornam-se as MOTIVAÇÕES que sustentam a própria vida. Por isso nos orientamos para inserir na caminhada formativa um tempo de experiência para um encontro fecundo entre valores, motivações e missão vivida.

* Um outro núcleo fundamental de fidelidade é: tornar sempre mais própria a experiência do Fundador: um encontro vivo com São Daniel Comboni, testemunha de santidade e mestre de missão.

Nele estamos radicados num forte sentido de Deus que dá sabor à nossa vida.

Vivemos a alegria da doação total, compartilhando a força libertadora do Evangelho com os crucificados da história: fazer causa comum. Como comunidades interculturais de fé e de amor testemunhamos a reconciliação que vem do Senhor: cenáculo de apóstolos.

* E ainda: a urgência de formadores preparados e identificados com a própria vocação torna-se aquele núcleo que cotidianamente se faz mediação para que a fidelidade possa continuar a crescer.

RATIO FORMATIONIS

Irmãos das Escolas Cristãs

Juan Pablo Martín, FSC

Introdução

O "Guia de Formação" do Instituto (1991), é o documento comum que orienta a construção da "*Ratio formationis*" nos diferentes Distritos.

Na prática, não temos uma "ratio" uniforme. Mas no "Guia de Formação" estão delineados os elementos comuns que facilitam o diálogo entre todos para construir a unidade na diversidade, os elementos de base que asseguram a qualidade e a visão carismática comum.

I. Que tipo de antropologia reflete a nossa *Ratio Formationis* (Guia de Formação- GDF)?

- a) Uma antropologia filosófica cristã: Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, o verdadeiro homem, é a medida da visão de homem que orienta a GDF.
- b) Uma antropologia pedagógica, enquanto considera o ser humano educável.

Como antropologia filosófica cristã:

a. O seguimento de Jesus Cristo.

- Seguimento de Jesus, inspirado no Evangelho como "primeira e principal Regra". (Nº 100)
- Na formação inicial tenta-se fazer aflorar uma criatura nova, configurada segundo o estilo das Bem-aventuranças. (Nº 103)
- Trata-se de encontrar-se com Jesus na própria vida, "em diálogo tanto existencial como doutrinal, com a pessoa de Jesus que o chama e envia" (Nº 106-107).

b. Ênfase escriturística

- Deus em relação com o homem: a vocação é chamado, resposta e encontro de Deus com os homens. Relatos de vocação: Abraão (Gn 12), Gedeão (Jz 6), Samuel, (1Sm 3), Isaías (Is 6), Jeremias (Jr 1), Pedro (Lc 5), Maria (Lc 1), Zaqueu (Lc 19), Paulo (At 9).
- O chamado de Deus dirige-se também a povos inteiros a comunidades de fiéis: a história de Israel, povo eleito, que é a história igual de cada fiel e de cada comunidade que luta para responder em fidelidade a Deus.
- Deus convoca os profetas para denunciar a seu povo as infidelidades e anunciar a salvação e o Reino de Deus.
- "Ora, Deus enviou ao mundo seu Filho único a fim de nos dar vida" (1Jo 4,9). Ele nos transforma em seus ministros diante dos jovens e infunde em nós o "Espírito de zelo pela salvação das almas."

Como antropologia pedagógica

1. Dialogal, aberta, transcendente.

- a) O modelo de pessoa é o de uma pessoa atenta ao Deus que fala através da realidade percebida pela Palavra. (99)

- b) Uma pessoa que responde partindo da dinâmica da fidelidade à palavra dada, ao compromisso com os outros e com Deus.

2. Personalizante

- a) A formação funda-se na responsabilidade e na decisão da pessoa. (9)
- b) Exercita a autocompreensão, o autocontrole e o suportar tensões. (19)
- c) O discernimento pessoal e a atenção à interioridade da pessoa, especialmente na oração, são realidades-chave.
- d) O acompanhamento pessoal é um instrumento fundamental durante a formação inicial e tem como objetivo ajudar o indivíduo a clarear o seu itinerário pessoal. (33, 108-112)

3. Comunitária

- a) Permite aviar o processo pessoal em relação dialética com o dos irmãos. (16)
- b) Introduz a pessoa nos dinamismos comunitários.
- c) Prepara para responder unidos a uma missão comum. (40)

4. Integradora

- a) Esforça-se por fazer referência a todas as dimensões da pessoa: espiritual, social, afetiva...
- b) Procurando sempre um "comportamento unificador": que integra motivações e comportamentos, ser e fazer; da tradição do Instituto de "não fazer diferença entre ofício e estado", e de "agir sempre com o olhar fixo em Deus", "o Espírito de fé". (32,38)
- c) Relendo a distância entre o que se quer e o que se é, entre o eu real e o ideal, entre as fraquezas e as qualidades. (120,274)

5. Em processo

- a) Que faça da formação um processo positivo e narrativo para a construção da própria identidade.
- b) Com uma identidade aberta, construída com criatividade de respostas. Re-criando sempre o relato do Evangelho e o da fundação. (101, 282)
- c) Tudo isto é ajudado pela consciência das etapas vitais e dos momentos de crise e de mudanças.

6. Encarnada

- a) Despertando a sensibilidade para as situações de pobreza das crianças e jovens. (103)
- b) Com a proximidade das casas de formação às obras apostólicas e com a presença nas comunidades.

II. Núcleos fundamentais que sustentam a formação do meu Instituto e concorrem para reforçar a fidelidade.

1. Consciência de compartilhar uma identidade coletiva lassaliana.

Esta identidade coletiva se apóia em:

- a referência ao "itinerário evangélico do Fundador e ao relato da fundação"
- a pertença fundada em laços de relação entre as pessoas e as comunidades
- a corresponsabilidade na missão do Instituto.

2. O sentir-se chamado e convocado, com outros, para a missão da educação cristã dos pobres. Fazendo seu o itinerário do Fundador que, impressionado pela situação de abandono dos filhos dos artesãos e dos pobres, descobriu à luz da fé, a missão do Instituto.

3. O Espírito de comunidade: viver juntos em comunidade fraterna, permanecer juntos e associados para a missão, dispostos a ir para qualquer lugar ao qual for enviado e fazer aquilo que o ministério exige.
4. O trabalho de integração das diferentes dimensões da vocação do Irmão. E de maneira concreta, a integração consagração-missão, vida de comunidade-ministério, espiritualidade-compromisso, contemplação-ação.
5. A atenção às etapas vitais através das quais o indivíduo passa, o que faz com que os problemas surgidos nos momentos de transição possam ser vividos como possibilidade de crescimento.
6. O plano de estudos abrange com equilíbrio três áreas:
 - a) Estudos teológicos, catequéticos e pedagógicos.
 - b) Estudos lassalianos.
 - c) Estudos profissionais que oferecem competências necessárias para a missão do Instituto e o conhecimento dos jovens e do mundo.
7. As mediações e os elementos pedagógicos requeridos para a formação:
 - a) O acompanhamento: personalizado, comunitário e do Distrito.
 - b) O discernimento pessoal e comunitário.
 - c) A atenção às etapas de crescimento e desenvolvimento pessoais, e aos processos de formação inicial e permanente.
 - d) O crescimento na autonomia e na liberdade para responsabilizar-se pela própria formação (Projeto pessoal de vida).
 - e) A partilha da vida e da missão do Instituto (Projeto Comunitário e Educativo).

ÍNDICE

A FIDELIDADE VOCACIONAL

Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, FSC
Presidente da USG

A FIDELIDADE, FONTE DE VIDA PLENA

A Vida Consagrada: profecia antropológica na pós-modernidade
Pascual Chavez Villanueva, SDB
Reitor-Mór dos Salesianos

CONCLUSÕES DOS TRABALHOS EM GRUPO

Francesco Cereda, SDB

FORMAR PARA A VIDA EM PLENITUDE PARA PREVENIR AS DESERÇÕES E REFORÇAR A FIDELIDADE

José Rodríguez Carballo, OFM
Ministro Geral OFM

CONCLUSÕES DOS TRABALHOS EM GRUPO

Francesco Bravi, OFM

RATIO FORMATIONIS

Oblatos de Maria Imaculada
Paolo Archiati, OMI

RATIO FORMATIONIS

Missionários Combonianos
Girolamo Miente, MCCI

RATIO FORMATIONIS

Irmãos das Escolas Cristãs
Juan Pablo Martín, FSC